

esdi
tese

OCTAVIANO
P. DE MELLO
FILHO
—
SERGIO
ROBERTO
DE S.
ANDRADE
—
JOSE
MARIA
DE
OLIVEIRA

V 13-15
1967

P13
1967

KSDI - Uma Escola de Desenho Industrial no Brasil

P13
1967
190004008



N.º de registo 145178

lote. 4008/90

Este trabalho representa a parte grafada de um contínuo processual cujos limites convencionais são: julho de 1963 e 7 de março de 1967. Não é um trabalho para ser explicado e sim para ser descoberto, experimentalmente. Querer explicar a sua Verdade seria limitá-lo em sua essência.

Segue sem "justificativa pois não quero correr o risco de apresentar uma justificativa maior que o próprio trabalho: minha história. É fruto da minha descoberta possível, incompleta pelas partes que lhe faltam.

É o que a ESDI me deu e o que deu à ESDI na minha melhor tentativa de cooperação.

Rio de Janeiro 11 de abril de 1967

Octaviano Pereira de Melo Filho

Octaviano Pereira de Melo Filho



De 1963 até o início de 1966

ESDI
Metodologia Visual
Trabalho nas Oficinas

Problema 1

Construir um cubo em metal com as seguintes características:

- a) deverá ser composto de 5 elementos
- b) os elementos deverão ser diferentes entre si (forma ou medida)
- c) deverá existir uma relação geométrica definida entre os elementos

Solução:

Tomamos cinco cubos de 1cm de aresta como módulo da forma básica geradora dos cinco elementos: um paralelepípedo reto, cuja seção é um quadrado de 1cm de lado e o comprimento igual a aresta do cubo solução.

Relacionamos as cinco partes numa progressão aritmética cuja razão é 1, sendo 3 o primeiro termo e 7 o último.

Preferimos estabelecer uma relação volumétrica para evitar que uma estrita dependência formal prejudicasse a versatilidade do projeto. Disso resultou uma solução dinâmica, possibilitando uma combinatoria mais de duas vezes maior que o número de componentes da equipe, havendo entre os elementos do cubo mais um compromisso que uma submissão formal. Outro detalhe desta solução é que cada termo participa da natureza do todo - o comprimento de cada parte é igual a aresta do cubo.

ESDI
Metodologia Visual
Trabalho nas Oficinas
Problema 1

Problema 1

Executar um cubo em metal

- a) o cubo será construído em cinco partes (elementos)
- b) os elementos deverão ser diferentes entre si (forma ou medida)
- c) deverá existir uma relação geométrica definida entre os elementos

Descrição do problema:

Fomos lá para a sala teórica e começamos a discutir, discutimos muito e não chegamos a uma conclusão, por isso, deixamos a discussão para outro dia. No dia seguinte chegamos a conclusão sobre o material empregado: aço dôce. Porque aço dôce? por ser um material tremendamente resistente, dificultando ao máximo nossa tarefa, possibilitando assim estarmos na escola até alta hora da noite.

Encontrado o material restava encontrar o projeto. Cada qual foi para sua mesa e começou a pensar, a pensar, a pensar, e ninguém chegou a uma conclusão, por isso, adiamos para o dia seguinte.

No dia seguinte, numa hora que não estávamos pensando, apareceu o projeto. Comemoramos o aparecimento do projeto e deixamos o início para o dia seguinte.

No dia seguinte rumamos para as oficinas e serramos, medimos, limamos, furamos, suamos e erramos, por isso, deixamos para o dia seguinte.

No dia seguinte fizemos mais ou menos a mesma coisa que no dia anterior. Aí as peças foram aparecendo, foram aparecendo, e quando estavam quase prontas constatamos que algumas delas estavam erradas.

Não desanimamos, começamos tudo de novo. Três horas antes do término do prazo o cubo ainda não estava pronto. Nervosismo geral.

Aí, um membro da equipa estava dando o toque final em uma peça, quando aconteceu um acidente: o esmeril comeu o dedo dele.

Ficamos muito abalados com o acontecido e quase deixamos tudo para o dia seguinte. Mas não dava mais tempo, por isso, não o fizemos.

Mas, quando, afinal, o cubo estava pronto, descobrimos que ele era uma beleza, e que apresentava uma série de características muito interessantes.

Considerando que deva ser por esse

Quando se está ensinando a uma criança

Quando ensinar uma criança a escrever o que pretendem?

que-faz?

Que ocde-e- vindo a ser um operário saiba relacionar materiais? ou, se funcionário público, saiba redigir memorandos? ou, escrever, como caixeiro, notas de balcão, numa casa comercial?

Ou será que é para vindo a ser um homem saiba, por escrito, exprimir sua visão do seu mundo, seus desejos, necessidades suas dívidas e necessidades, saiba escrever em defesa da sua individualidade, ou-de-um-grupo, e manter as características específicas de seu grupo social? saiba-que-pessa, registrar suas conquistas e socializar suas experiências.

E de se supor que seja esta última a finalidade primeira, principalmente se considerarmos os castigos, que-sofrem-as-nenas-dotadas, e-os- e vexames que sofrem as crianças menos dotadas, e-o-prazer-que-causam os-professores-un-aluno-inteligente-que-aprende-tudo-rápido-aos-estudantes-que-aprendem- para quem o aprendizado se faz à duras penas. E-apenas A ferocidade que com que os professores se entregam a esse mister, faz-nos supor do grande privilégiio que é saber escrever. Como-a-pesquisar-de-tão-alto-propósito-se-pode-chegar-a-expresões- estritamente-

Logra geral vezes-un-tão-alto-propósito-e-ameaçanha-de-redescida-de utilisações-à-beatetelas o que acontece a esse privilégio é uma redução de objetivos ao simples plano da sobrevivência-sobrevivência sobrevivência

O que determina essa redução de objetivo, e onde começa esse processo de desvirtuamento?

Quem-faz?

O-que-estabelece-esse-hierarquia-do-criar-escrit

Onde-guarda Como o homem que aprendeu a escrever começo a ser condicionado, instado a alienar-se de tão poderoso meio de comunicação?

Porque-éste a entregar sua luta essa arma de defesa?

Porque se despoja despoja da possibilidade de suportar as contingências de tempo e espaço, limitando-se a existência breve da palavra?

Porque-processo-transfere-

que-faz=impõe-e-in

p-o-que-faz=e-individuo-a-limita-specificação-da-linguagem-escrita e-ainda-dentro-dessa-specificação

Qual-e-objeto-desse-utilização-depois-de-tantos-objetos-de-tantos gestos- Que desígnios estão na base desse processo que faz a destruição de muitos e a glória de poucos?

Como-uma-estas-que-é-patrimônio-de-todos-

Como a linguagem escrita deixa de ser um patrimônio comum?

A criança aprende é incentivada a escrever e pode-ser é feliz com-e que-escreve escrevendo só-e-nenhum-ou-que-e-admitir-se-divertir-com-esse-

A-criança-aprende-a-escrever

No começo a criança não entende porque querem ensiná-la a escrever.

Pouco a pouco descobre que pode transformar em sinais, coisas que fala-fala-que-eu-e-ouvi-e-fala. Sente que qualquer coisa se dala se projeta além

naquelas súas sinalas, que há
é um mistério uma consciência gravada, e as pessoas entendem e se
comunicam

Qualquer com ela. É uma experiência integralizadora que a faz feliz.

Depois ela descobre que existe um prêmio para o correto

A professora dá notas e as notas dão prestígio, ou despréstígio.

C para C é ligação-

Desenha uma casa e faz um desenho e completa todo um-

Descobre na palavra escrita tem um o caráter mágico da escrita e
através dele sintetiza uma posse do mundo, e isto ela o afirma por
toda a casa, nas paredes, no chão, no quintal. Afirmá a criança descobre
maravilhada que pode deixar-se na calçada quando marca no seu nome no
jogo da "arelhinha"

C nome - A palavra escrita confere autenticidade. O um o desenho feito
de uma casa só se confirma como tal quando escreve num gesto de
afirmação indiscutível, escreve a palavra casa embaixo. Antes podiam
dúvidas agir quando ela nomeava simplesmente podiam duvidar negá-la
agora um com a palavra escrita ela estava como que resguardada de
possíveis dúvidas.

A escrita tem aqui uma função preciosa e necessária.

A criança usa a escrita com uma função preciosa e necessária.

Depois ela descobre que a escrita pode estar o certo e o errado, e que
existe um prêmio para o certo.

A professora dá notas, e as notas dão prestígio-baixa dão prestígio-as-
não-repescas-e-desagrado dão prestígio.

A criança entra aqui no mundo das atribuições, dos adjetivos e das
complicações

A casa que leu desenhou todos reconheceram Ela desenhou uma casa, escreveu
na a palavra casa embaixo, todos reconheceram, mas e disseram : é uma
casa bonita.

Depois fez outra casa desenhou outra casa e disseram: a outra era mais
bonita.

Por fim no terceiro desenho sentaram-disseram: que casa feia!

Nessas alturas a criança chega a conclusão que escrever a palavra
casa embaixo do desenho não garante.

Nessas alturas a criança concorre da insuficiência da palavra escrita e
toma contato com a transcendência.

A palavra escrita perde sua função designativa e efetuações sua
magia real.

A partir desse momento todo um processo real de informação e formação
se perde.

C o que se sucede pela vida a fíla - e uma constante mudança de - na
sua vida estudantil é um contínuo mudar de desfile contínuo de certos,
errados, felizes, bonitos, bons, maus, - e ela vai fugindo, e optando - p de
preservar a que fala, pelo que não quer, pelo que que sonhante-nenos
que pelo que pode ser esquecido, negado, - que não vincula, a palavra.
pelo malo - estrito e palavra - fala -

Cada vez fala malo e escreve menos, - e cada vez perde o significado das
palavras e com isso perde as possibilidades da fala e um processo --
significativo.

Chegando por fim a uma quase-impossibilidade de escrever.

Abdica de um passado, restitui o presente não logo um futuro

A escrita passa a ser uma prática estéril desligada-de-toda-realidade
refletir-sobre
Se-adapta-a-de-éticos-e-nos-o-serviço-das-matérias-serviço-de-tal
ou-qua desligada de toda realidade.
Deixa-de-ser-uma-possibilidade-de-conquistar,dominhar
Chegando-a-
O-que-ésta-e-pessoas-sobre-consciência,pessoas,afirmações
A-consciência
Chegando-a-uma-situação
O-que-se-verifica-depois-disso-e-desse-longo-período-de-desintegração
é-um-fenômeno-é-que-de-difícil-compreensão
O-indivíduo-sabe-que-quer-e-não-pode-que-quer-que-quer,mas
se-não-sabes-nunca-tivesse-aprendido,-perde-a-função-de-existir.
Porque-não-pensa? não-
Porque-não-fala? não-

O homem tem tido uma preocupação insocial com os seus objetivos-próprios motivos e com os motivos dos outros.

A partir da primeira história de crime, o assassinato de Abel, tem havido uma investigação da "razão" do comportamento, isto é do motivo. Tal pesquisa é expressão da necessidade de dar sentido aos acontecimentos do mundo de uma pessoa.

Uma série complexa de comportamentos de outro organismo pode ser compreendida "quando lhe atribuimos um motivo. E por motivo não é sentido, compreende-se o que o organismo tenta fazer, tenta realizar.

Análise:

Cain matou Abel

a ação de Cain matar Abel é o comportamento de Cain em relação a Abel
A "razão" desse comportamento é o motivo

Matar Abel

No entanto matar Abel foi a ação de Cain, e como ficou dito a ação de Cain matar Abel é o comportamento de Cain.

--Quando Cain?

- Quando Cain agrediu Abel o que ele tentava fazer ou realizar?

- Matar Abel

- Qual o comportamento de Cain em sua relação a Abel?

- Um comportamento assassino

- Qual a ação correspondente a um comportamento assassino?

- A ação de matar

- Caso dizer que a ação de matar é o comportamento de Cain em relação a Abel?

- Sim

- O-que-nos-faz-compreender-um-determinado-comportamento?

- A-existência-de-um-motivo

- Qual-e-motivo-a-razão-que-expõe-o-comportamento-de-Cain-em-relação-a-Abel?

- Porque? Porque Cain matou Abel?

- Por inveja

- O-que-tentava-fazer-ou-realizar-Cain-matando-Abel?

- Por-vaidade-sua-que-sentia-pelo-fato-de-ela-ser-a-preferida-de-Dom por-ele-Vingar-se-de-Abel

Temos então três termos na ação de Cain

1)a ação de Cain, matar

2)o porque da ação de Cain, o motivo (a inveja)

3)o que Cain tentava fazer ou realizar (vingar-se)

Cain matou Abel

Cain-apresentou-um-comportamento-em-relação-a-Abel

A-ação-ou-comportamento-de-assassinar

De matar ou assassinar foi o comportamento-de-Cain-

ação ou comportamento de Cain em relação a Abel

Porque Cain matou Abel seria o motivo desse comportamento e conforme a história esse motivo foi a inveja que Cain tinha por Abel por ser ele o preferido de Deus

Cain-tentou-matá-lo-com- seu-desejo-de-vingança

Pra-que-Cain-matou-Abel

Matando Abel, Cain vingou-se

Para que Cain matou Abel?

Cain vingar-se

Matando-

Para que Cain matou Abel?

Para vingar-se

Da vingança

Cain matou Abel para vingar-se porque
se é

Cain tinha inveja da preferência de Deus por Abel

Cain matou Abel

Por inveja

Para vingar-se

Ca Matando Cain vingou-se de Abel

(Matando) por inveja Cain (vinguesso) de Abel

Porque?

Para que?

Matando o irmão o que Cain

O que

Por um sentimento de

O porque da razão que levava

Porque Cain matou Abel?

Por inveja

Para que Cain matou Abel?

Para vingar-se

Então temos

Temos três termos

Inveja - depende da relação

emoção

Vingança pressupõe um ato uma ação

Inveja

percebermos que

Inveja- Cain percebeu que Deus tinha inveja preferência por Abel e desejava esta preferência

Cain desejava intensamente a preferência de Deus

Vingar

Falou mal de meu pai - motivo

Atitude- eu fico danada com a pessoa e (resolvo telefonar para ele) e [dizer-lhe um desafôro] (ai eu vou e telefono, isto é o comportamento)

Atitude positiva ou negativa - é a predisposição duradoura para perceber e ser influenciado por determinados objetos, inclusive pessoas
As atitudes são

A morte de Abel realiza o objetivo da vingança de Cain

O ódio pressupõe o desejo de destruição do objeto odiado.

A felicidade de Abel (a preferência de Deus por ele) era potencialmente acessível a Cain porque Cain era seu irmão, e essa potencialidade de acesso não obtido despertou a emoção negativa da inveja

Abel possuía algo que Cain não tinha

Um homem mata o outro

Qual o motivo desse comportamento

Para que um determinado comportamento seja atendido é

Uma pessoa tentaapanhar um copo colocado

Para matar Abel,Caim saiu de onde estava sentado,procurou um pedaço de pau,apanhou-o,procurou Abel,achando-o,aproximou-se por de trás dele, chegando perto,parou,bateu-lhe com a mao no ombro chamando-lhe pelo nome,e quando Abel voltou o rosto para ele,Caim,dizendo um palavrão,deu-lhe com o pau na testa.

A este conjunto de ações denominamos o comportamento de Cain. Quando Cain se levanta,e executa o conjunto de ações que constituem o seu comportamento,ele tentava realizar a morte de Abel e este tentar realizar é que o motivo que determina o levantar e executar as ações posteriores.

o que me impede de te achar maluco é a falta de certeza de que eu não o sou

O mesmo fato dentro do preconceito religioso:

Cain matou Abel

Cain se comportou como um assassino em relação a Abel

Qual o motivo desse comportamento

A inveja.

A necessidade de dar sentido aos acontecimentos do mundo de uma pessoa

Não confundir a ação sintetizada no verbo (por exemplo: matar) com o comportamento que é uma série complexa de comportamentos,isto é,matar é a ação que sintetiza uma sequência de ações,por exemplo: tirar o revólver do bolso,apontar,atirar,(por motivo entende-se o que está na base da ação de tirar o revólver,apontar,atirar.

Isto é o motivo daquelas ações é matar
tentar fazer - isto é o intento de matar

Quando falo motivo me refiro aquilo que determina uma série complexa de comportamento e não a emoção sintetizada (por exemplo: raiva) que leva o sujeito a matar,pois que,os motivos se sucedem numa cadeia de acontecimentos.

Anteri

Os motivos de uma situação estão contidos na própria situação

Como

Por generalização a idéia de pecado é associada a idéia de inveja

Você inclui na sua existência os meses que precederam seu nascimento?
Sim

Não

Você conta sua existência a partir do nascimento ou a partir da fecundação?

O homem age e a sua ação chamamos comportamento ou motivo
Qual a razão O homem é movido à ação por um motivo O homem comporta-se

Cain matou Abel

Qual a razão desse comportamento?

Qual o motivo da ação?

Cain tinha um motivo, isto é, tentava fazer ou realizar

Cain matou Abel

Por que agiu assim?

Temos aqui dois termos em Cain: a ação de Cain e o porque da ação

Ao agir exibiu um comportamento assassino.

A ação de Cain o que Cain tentava realizar

Temos três termos na ação de Cain

A ação de Cain, o porque da ação de Cain, e o que Cain tentava realizar com esta ação.

Para entender a ação de Cain preciso saber o motivo dessa ação.
O que?

Porque?

Cain matou Abel

Porque?

Esta resposta

Um homem mata o outro

Por que?

A resposta têm variantes de época para época, de cultura para cultura

1) O homem matou cumprindo determinações de forças sobrenaturais que apesar de apresentarem-se sob várias formas e aparências

Características do Eu

O Eu é visto como formado por partes inter-relacionadas; tem diversas características, destacando-se as correspondentes a suas relações com outros objetos e pessoas. A maneira pela qual sentimos o Eu numa determinada situação depende da situação específica.

Pode ser sentido como centro de nossa atenção ou ser percebido de maneira periférica; pode ser sentido em diversos graus de perturbação ou de angústia, e como possuidor de necessidades e desejos; ser percebido a sentir emoções, intenções, obrigações, a realizar esforços para atingir um objetivo ou em outras ações. E, paradoxalmente o Eu pode ser objeto de sua própria análise, de suas avaliações e atitudes. O Eu é visto ao procurar atingir seus objetivos, a evitar perigos, a agir no ambiente. É fundamental perceber o Eu em ação, a fim de compreender os problemas da motivação e da emoção.

A escola é vista ao procurar atingir seus objetivos, a evitar perigos e agir no ambiente. É fundamental perceber a escola em ação, a fim de compreender os problemas da motivação e da emoção.

Personalidade, Eu, Organismo

Personalidade:

Traços - é uma característica duradoura do indivíduo, e que se manifesta na maneira consistente de comportar-se em uma ampla variedade de situações.

O grupo não é uma idéia, mas um fato real, objetivo. O que realiza a idéia de grupo são as relações entre seus membros. Grupo é relação.

Eu gostaria de começar agradecendo a presença de vocês a qual interprete como uma atenção à ESDI e por conseguinte como atenção a seus próprios interesses.

Realmente eu se fôssem dar uma aula de psicologia conforme o associado anunciei, este tom de discurso seria o menos indicado para começar. O que realmente o que era fazer uma proposição de tipo de algumas desastradas.

Mas na verdade o que desejo fazer é uma proposição, talvez a última que faço como aluno desta escola.

Eu gostaria de começar agradecendo a presença de vocês.

Vocês foram convidados para assistir uma aula de psicologia.

Se eu fosse um professor de psicologia estaria nervoso

Eu gostaria de começar agradecendo a presença de vocês à minha primeira aula de psicologia.

Só-pediria-a-todos-ex-paus-de-

Una-das-mais-peculiaridades-de-cachorro-de-psicologia

A psicologia é uma matéria muito difícil de ser ensinada, mesmo pelos que a conhecem a fundo

Eu-gostaria-de-começar

A psicologia é uma matéria muito difícil de ser ensinada, mesmo pelos que a sabem, portanto, disso vocês podem concluir a dificuldade

Eu gostaria de começar agradecendo a presença de vocês. (pausa)

Toda ciência é difícil de ser ensinada

A psicologia como toda ciência é difícil de ser ensinada mesmo pelos que a conhecem bem.

Nas-éias-está-terça-bem-mais-difícil-

é possível ensinar psicologia sem saber-l-o?

Acredito que todos estejam de acordo quando a resposta - Não

No entanto a pergunta não deixa de ter sua graça.

E sentimos, mesmo depois de tê-la respondido negativamente, que ela se repete mentalmente com um certo mistério.

E-e-ésta-típica-

E se nos deixarmos envolver por esse mistério acabaremos tendo uma dúvida.

Mas, para dissipar a dúvida, repetimos a pergunta outra vez, em voz alta. E já desta vez não sinto vontade de responder tão categóricamente Se fizermos mentalmente a mesma pergunta durante algum tempo, sem nos distrairmos, somos até capaz de responder: não sei

Eu gostaria de começar agradecendo a presença de vocês.

A psicologia, como toda ciência, é difícil de ser ensinada, mesmo pelos que a conhecem muito bem

Mas é mais difícil ainda quando quem ensina não sabe nada de psicologia como é o seu caso.

E é possível ensinar psicologia sem saber?

Todos estamos de acordo quanto a resposta - não

No entanto a pergunta não deixa de ter sua graça.

E-e-fizemos-mentalmente-a-experiência-de-repeti-la-várias-vezes-

senão-nos-distraímos,conseguimos-até-esparramar-nos-e-sai

é claro porém que as 9 horas da manhã, numa sala cheia de gente,

bombardeados por um seu número de estímulos, esta pergunta não nos faz o menor efeito.

Imagine porém, cada um de vocês, uma situação bastante diferente desta, modifiquem alguns dados dessa situação psicológica, mudem o cenário, e algumas pessoas, e essa resposta que adquire aqui fôro de figura, pode perder seus contornos e diluir-se em fundo, dando aparecimento a outra figura e esse mesmo não pode adquirir um significado ambíguo
 Outras perguntas igualmente filógicas poderiam ser formuladas—
 No entanto

Poderemos entretanto fazer uma experiência simples—
 Farei uma série de perguntas igualmente filógicas que tam que as—
 Podemos entretanto fazer uma experiência simples.

Pode-se sentir cegos num pé que tenha sido amputado?

(a percepção do corpo está tão integrada e estrutura do eu que mesmo modificações drásticas podem não provocar imediatamente transformações correspondentes.)

Dentre os m motivos que possam explicar nossa presença hoje aqui dois pelos menos, ainda que por sua natureza, diferentes, são comuns a todos.

1) Experimentar

2) Fazer um experimento

Procurarei explicar a liberdade dessa generalização mostrando em que sentido estão sendo usadas estas expressões.

Por experimentar se entenderá "ter experiência interior de alguma coisa"

Por fazer um experimento se entenderá "realizar um trabalho experimental"

O primeiro motivo é comum no sentido de que todos irão experimentar embora o fruto dessa experiência seja de natureza pessoal e exclusiva, como são pessoais e exclusivas os motivos que explicam a presença de cada um nesta sala.

O segundo motivo é de um comum mais amplo e representa a tentativa de um plano de relações objetivas entre os presentes.

é o tempo que estamos juntos na Escola Superior de Desenho Industrial. e é fruto de nossa experiência comum na escola, da qual se pode afirmar honestamente ser rica como experiência mais pobre de experimentos Se analisarmos os dois motivos apresentados veremos que elas são as duas faces de uma mesma moeda.

A ação do indivíduo é global, portanto não é possível dissociar a ação de experimentar da ação de fazer experimento.

Existe uma interação entre as duas faces embora cada uma pressuponha atitudes diferentes.

Nenhum toda experiência pressupõe um experimento (pedir exemplo)

Poderíamos falar de experiências passivas e ativas

Toda experiência ativa pressupõe um experimento que lhe é anterior (pedir exemplo)

Um fator central que torna uma pessoa capaz de agir, de realizar sua vontade. é sua percepção da necessidade de fazer escolhas imperfeitas reconhecer o fato de que precisa escolher, de que sempre deve escolher sem conhecimento completo, de que cada essa escolha envolve, inevitavelmente um sacrifício de alguma outra coisa - são elementos que auxiliam a expressão da vontade.



Plano de Estudo Conjunto

Considerações Básicas

- a) Propostação de um livro de assunto de interesse dos Cursos de Desenho Industrial e Programação Visual
- b) Referência da autoridade científica da obra escolhida
- c) Por referência da autoridade científica entende-se o registro da obra em índices ou resumos (abstracts) atualizados de bibliografia científica internacional.

Processamento da unidade de estudo

Cada unidade de estudo constará de 3 partes

1) Exposição planificada do livro

- a) a exposição da matéria será feita em unidades de estudo ou aula e sua planificação fica a critério do expositor
- b) o expositor deverá fornecer ao grupo, como achar mais conveniente os conceitos expostos em cada unidade de estudo, da maneira como aparecem na obra, a fim de evitar possíveis erros de interpretação

2) Debate da matéria exposta

- a) o debate terá sempre como referência padrão os elementos da exposição
- b) o debate poderá ser feito com pronunciamentos de caráter pessoal no entanto os conceitos da matéria apresentada só poderão ser confrontados com base em autoridade científica equivalente à obra em questão

3) Registro das conclusões

Enquanto que a idéia singular da caneta se mantém no plural da palavra canetas

Enquanto que no plural da palavra caneta a imagem singular do objeto se manteve, estando apenas acrescida de uma imagem de repetição o plural da palavra elo, elos, funde-se numa idéia singular, corrente

refletindo a multiplicação de uma idéia singular

Enquanto que no pu

Enquanto que no plural da palavra caneta

Enquanto que no plural da palavra caneta a imagem singular do objeto não se destrói, isto é, à palavra canetas

Enquanto que o plural da palavra caneta se realiza como uma multiplicação de uma idéia singular em termos de quantidade

Enquanto que o plural da palavra caneta se realiza como repetição da idéia singular do objeto

Enquanto que o plural da palavra

Enquanto que os plurais das palavras, canetas, maçãs, borracha etc a imagem singular do objeto não se destrói, sendo a idéia do plural associada a idéia de repetição, quantidade, na palavra elo o plural destrói a imagem singular do objeto, substituindo-a por outra imagem singular cujo plural refaz o relativo às palavras, caneta, maçã, borracha

O objetivo do investimento relaciona-se primordial e diretamente ao objetivo da fonte (lucro) de investimento, o investidor.

O objeto do investimento relaciona-se ao investidor como concreção de seu objetivo podendo o mesmo usufruir integralmente como possível consumidor do mesmo.

O objetivo do investimento

O objetivo do investimento

O objetivo do investimento é o objetivo da fonte investidora (lucro)

O objetivo do investimento e o da fonte investidora confundem-se numa idéia básica - lucro

O objetivo do investimento

O objeto do investimento

O objetivo do investimento é o lucro

O objeto do investimento é o produto ou serviço

O investidor usufrui integralmente o investimento participando de seu objetivo e de seu objeto como possível consumidor

O consumidor só pode participar parcialmente do investimento como possível usuário da sua objeto.

Não devemos entretanto confundir as consequências de um investimento, em termos sociais, com seus objetivos.

O desenhista industrial relaciona-se com o investimento de duas maneiras, com o objetivo da fonte como etapa teórica do processo e

O desenhista industrial relaciona-se com o objetivo da fonte teóricamente, e praticamente com o objeto do investimento

O desenhista industrial relaciona-se teóricamente

A ação do desenhista industrial tem uma feição teórica que com outras ações da mesma natureza relaciona-se com o objetivo do investimento

A ação do desenhista industrial tem uma feição teórica que como outras ações específicas e teóricas relacionam-se com o objetivo do investimento, e uma feição prática que se relaciona

A ação do desenhista industrial tem uma feição teórica

A ação do desen

A

O desenhista industrial relaciona-se

A ação do desenhista industrial relaciona-se ao objetivo do projeto como decodificador, como peça de uma cadeia de ações

Investimento - conceito geral

Quem investe?

O que investe?

Quando investe?

Como investe?

Porque investe?

Investimento. - natureza do investimento
estrutura do investimento e suas particularidades
processos e suas etapas
objetivos e objetos do investimento

Desenho Industrial e o objetivo do investimento
desenhista industrial e o objeto do investimento

Como numa linha de produção a ação executada pelo desenhista industrial tem uma dimensão coletiva e uma dimensão individual.

A dimensão coletiva da ação do desenhista industrial liga-se mais diretamente ao objetivo do investimento, enquanto que sua ação individual se objeta do investimento.

Esta diferença na realidade só existe em termos de significados, pois na realidade o objetivo do investimento enquanto ação do designer está intimamente ligado, associado ao objeto do investimento.

Esta dualidade na ação do designer reflete os dois lados existentes em todo investimento. (de natureza privada etc?)

O desenhista industrial funciona como mediador entre o interesse do investidor e o do consumidor.

Básicamente para o investidor objeto e objetivo do investimento são duas coisas isoladas, isto é, têm significados diferentes. Um sapato para um fabricante de sapatos é objeto de seu objetivo, isto é, um sapato é lucro.

O desenhista industrial está pois entre o sapato do investidor e o do consumidor.

Como etapa num processo de investimento deve atender aos objetivos da fonte, numa sequência coletiva de esforços para esse fim.

Como ação individual considera o objeto do investimento em si, e como concretização dos objetivos da fonte.

Como numa corrente a ação do desenhista industrial tem uma dimensão coletiva e uma dimensão individual.

Na realidade o desenhista industrial não coordena mas se associa como um elo a outro elo para formar uma corrente.

Na verdade o desenhista industrial não coordena atividades mas associa como um elo associa-se a outros elos para formar uma corrente.

Como um elo de corrente a atividade do desenhista industrial tem pois duas dimensões;

Em relação à sua finalidade finalidade os elos são iguais, em si mesmo são diferentes, cada elo realiza uma individualidade intransferível

O elo isolado é ato enquanto elo é potência enquanto corrente.

Um elo na corrente é elo em ato e corrente em ato

O elo isolado é um dado subjetivo

O elo isolado é subjetivo em si

O elo na corrente é o elo objetivo

A fusão do subjetivo com o objetivo é a expressão integral do ser.

O elo na corrente é o elo integral, isto é, realiza o ser em sua totalidade.

O elo objetivo não destrói o elo subjetivo

A objetividade de um elo depende da objetividade de outros elos

A objetividade é pois fruto de uma interação de subjetividades

Não existe objetividade em si
Objetividade é por definição qualquer coisa que se realiza em relação ao exterior.

Visão objetiva

Beleza é um dado ob subjetivo

Corrente, objetivo do elo

Objetivo da corrente?



Plural de corrente pressupondo uma diversidade de objetivos para a corrente.

Sentido geral da corrente.

Corrente como idéia

O elo de uma corrente realiza em si dois significados de natureza oposta.

Um individual e um coletivo.

Como indivíduo possue um nome que o define em relação ao todo de qual é função

Elo e corrente

elo é corrente

elo é elo

elo é corrente

corrente são elos

Se

C

Enquanto a paç

Enquanto à paça

Enquanto à la palavra canetas eu associo uma imagem plural à palavra elos associa-se uma imagem singular.

O plural de elos não é visto como uma quantidade isolada de elos, porém se funda na imagem singular de corrente.

Poderia dizer-se que a função da caneta realiza-se de modo singular em cada caneta, enquanto a função de elo se realiza ainda que no singular, em termos de plural.

Porém isto

O projeto industrial (

Empresário - investidor

Fábrica de móveis

Produto-móveis

Produto e concorrente internos

Produto e concorrentes importados

Chamemos de empresário o sujeito que quer

O dono de empresa

Natureza de um projeto económico

O economista

Como o economista opina sobre

Relações do empresário c/ o economista me parece anterior ao do empresário com o desenhista industrial.

No projeto econômico

O projeto industrial será a tradução

o produto do desenho industrial será o resultado das informações obtidas do projeto econômico no

Considerando a atividade do desenhista industrial como uma etapa num processo de investimento

Quais as etapas anteriores e quais as posteriores?

Por quem são executadas essas etapas?

De que maneira as outras etapas se relacionam com a etapa do D.I.?

Quais os limites da atuação do D.I.?

O desenhista industrial é um codificador e um decodificador.

Quando e como ele executa a ação de codificador?

Quando e como ele executa a ação de decodificador?

De que natureza são os dados que ele decodifica?

De que natureza são os dados codificados por ele?

Ao olharmos

Um elo pressupõe uma corrente

Um elo de corrente pode ser visto de duas maneiras

Um elo de corrente pode ser visto de duas maneiras

A atividade do desenhista industrial assemelha-se

A atividade do desenhista industrial dentro de um processo de investimento assemelha-se a relação existente entre o elo de uma corrente e a corrente.

Assim como o elo da corrente, ela tem duas expressões ou significados. Uma expressão coletiva como etapa de um todo, e uma expressão individual

Cada elo realiza em relação à corrente a mesma função, cada elo pode interromper

Cada elo tem em si a possibilidade de destruir o todo

Para melhor explicar os dois sentidos da atividade do desenhista industrial tentar explicá-los através de um exemplo

Tentaremos explicar os dois sentidos da atividade do desenhista industrial usando para exemplificação uma corrente.

Uma corrente é feita de elos, os quais podem ser entendidos isoladamente como elo e associados como corrente.
Portanto cada elo possui dois significados que se realizam simultaneamente, mantendo-se distintos

Tentaremos explicar os dois sentidos da atividade do desenhista industrial que se realizam num processo de investimento

Tentaremos explicar os dois sentidos da atividade do desenhista industrial

Poderemos mais facilmente entender os dois sentidos da atividade do desenhista industrial se a compararmos à uma corrente.
Uma corrente significa uma associação de elementos

Se vemos um elo pensamos numa corrente. Entretanto independentemente dessa visão associativa do elo podemos considerá-lo em sua expressão individual.

Na função da corrente cada elo exerce independentemente uma ação semelhante e dependente.

Um investimento

Um processo de investimento pode ser considerado como uma corrente, cujos elos são as várias etapas

Enquanto que nos plurais de palavras como caneta, maçã, borracha etc. a imagem singular do objeto não se destrói, sendo o plural um desdobramento do singular, uma idéia de quantidade e repetição em palavras como elo, degrau, o plural destrói a imagem singular do objeto, substituindo-a por outra imagem singular designativa da associação dessas singularidades, corrente, escada, sendo que apesar de destruir a imagem singular a mantém unida pela idéia singular que representa seu plural.

O singular se transfigura

Talvez a idéia de singularidade se realize de maneira mais ampla no caso de degrau que no de caneta.

O singular ao se tornar plural cria

No caso de elo e degrau é um processo criativo
no caso de caneta, maçã, etc o plural é um processo repetitivo.
Também em desenho industrial existe uma expressão individual que corresponderia a idéia singular de elo e uma expressão plural que destrói a idéia singular e num processo criativo gera a forma, como nos casos de elo e degrau

A imagem 1

A imagem plural da palavra caneta realiza-se como uma repetição da imagem singular

A imagem

A imagem plural da palavra caneta realiza-se como uma repetição da imagem singular do objeto

12 pessoas testadas resultados idênticos

A imagem plural das palavras elo e degrau realiza-se como uma imagem singular - corrente, escada.

12 pessoas testadas, 3 resultados diferentes

1) a pessoa visualizava a palavra corrente desde o singular da palavra elo

2) a pessoa realizava o plural da palavra degrau até o número 3 dai por diante fundia-se o plural na imagem de escada.
sendo que a partir de 3 não precisava o número de degraus

3) a pessoa realizou o plural de elos como uma repetição da imagem singular.

De início de 1966 a 7 de março de 1967

Chamamos Eu _ ou mim

A consciência de meus pensamentos, meus sentimentos, minhas ações chamo de mim em

A consciência do eu é integrada, isto é, quando digo eu estou incluída a percepção, o sentimento e o pensamento.

(Eu - é um resultado organizado de padrões complexos de percepção sentimentos e pensamentos)

O eu é uma entidade de minha experiência e como tal não se diferencia das minhas experiências de outras entidades também complexas

O significado do eu varia de situação para situação

Percebo o eu como partes inter-relacionadas

Como percebo o eu num dado momento depende desse momento específico

percebo o eu: perturbado, angustiado, necessitado, desejoso, sentindo emoções, intenções, obrigações, realizando esforços para objetivos, se analisando

O eu refere-se à consciência individual

Personalidade, a estrutura psicológica global do indivíduo

Corpo, parte mais material e visível do eu.

Como qualquer objeto físico, percebo no corpo, como objeto da percepção: forma, tamanho, cor, organização

Percebo também organização, partes e suas relações

Percebemos atributos mais complexos - corpo feio, corpo forte, etc.

Percebemos qualidades de energia - ação do corpo em outras coisas ou capacidade de realizar ações.

Percebemos causalidades - o corpo interagindo com o ambiente

O corpo é sentido normalmente como parte ou aspecto do eu

Casos de não co-extensão do corpo e do eu - hipnoses, histerias

Perspectiva mental - capacidade de localizar o eu em outras épocas ou lugares

Autoconcepção

O indivíduo se percebe como um determinado tipo de pessoa, com traços determinados, hábitos, padrões característicos de comportamento, aptidões, habilidades, conhecimentos, crenças, valores e atitudes, voltado para determinados objetivos, alvos e aspirações

mais

O indivíduo se percebe relacionado aos objetos que possui, grupos sociais a que pertence, status social, papéis que desempenha, e como é visto pelos outros

TOTAL = autoconcepção total

Como reúne e organiza esses dados é sua estrutura da autoconcepção

Camadas do eu - central e periférica
Níveis do eu - superiores e inferiores

O eu se julga em níveis - essas valorações não são de natureza cultural e social e não universais.

Eu ideal - fruto das influências culturais no estabelecimento dos padrões de comportamento : o que deve ou não fazer, o que deve ou não ser

Prêmios e castigos, elogios na acentuação dos aspectos desejáveis e indesejáveis do eu

Concepção permanente do que deveria ser

O mais alto nível na hierarquia do eu

Ideal do Eu

é o padrão que avalia as outras partes do eu.

A comparação do comportamento real com o ideal é uma determinante básica da motivação e da experiência emocional

Estrutura do eu - o eu pode ser forte ou fracamente unificado

Extremos

1 - as diversas partes se ajustam intimamente e harmoniosamente. os impulsos atos, os pensamentos, os sentimentos, têm "sentido" em relação à sua natureza integral - traços, habilidades, motivos, papéis sociais

2 - pensamentos, sentimentos, atos, impulsos, são desconexos, divergentes, contraditórios

A maioria das pessoas não apresenta esses casos extremos de unidade ou incoerência.

O eu apresenta algumas partes mais firmemente organizadas que outras. Sistemas secundários diferentes, mais ou menos desconexos com a estrutura integral

exemplo: separação entre o eu bom e o eu mau

A grande separação entre esquemas secundários na estrutura do eu pode gerar o fenômeno da personalidade dupla

Continuidade da auto-concepção, digo, da auto-identidade

reforços: nome, corpo, bens materiais, roupas, casa, parentes etc.

comportamentos dos outros em relação ao eu

Mudanças radicais no comportamento dos outros em relação ao nosso eu pode produzir modificações marcantes na auto-identificação, acompanhada por etapas de desorganização do eu.

Espaço de vida : mundo físico, mundo social, mundo fantástico, mundo das crenças, dos conhecimentos, das lembranças, perspectiva de passado, presente, futuro, espaço subjetivo de potencialidade e atos, pessoas

Concepção total que o indivíduo tem dos mundos em que vive.

Mundos do indivíduo:

mundo de seus traços, hábitos, comportamento, aptidões, habilidades, conhecimentos, crenças, valores, atitudes, objetivos, alvos, aspirações, pertences, grupo social, papéis sociais, pessoas o que em tempoexpérience interior constitue seu ambiente psicológico (espaço de vida)

mundo em que vivo: mundo funcional, afetivo, presente, passado, futuro, experiências musicais, experiências de espaço

identidade de espaços de vida entre pessoas

Amplitude dos espaços de vida - para alguns existem um número menor de tipos de pessoas, lugares, fatos e distinções de todos os tipos entre as coisas.

Graus de diferenciação em determinadas áreas do conhecimento, diferença no grau de diferenciação do espaço de vida total e de suas partes ex: um sujeito pode entender muito sobre culinária e conhecer vagamente sobre floricultura.

Estrutura do espaço de vida

Grau de unidade de seus espaços de vida - organização entre as partes, os diferentes mundos são sistemas organizados

Pessoa como um conjunto de valores fundamentais, ou, uma completa filosofia pode ver o mundo unificado; pode também ver o mundo unificado por fanatismo, por reduzir tudo a um preconceito único.

Espaço de movimento livre

Regiões consideradas acessíveis no espaço de vida - suas proporções determinam o que a pessoa sente ser o tamanho de seu "espaço de movimento livre"

Este espaço de movimento livre varia de indivíduo a indivíduo, e de classe à classe e de cultura a cultura. É grande para a pessoa rica, educada, saudável e num clima social tolerante.

É pequeno para a pessoa pobre, doente, incompetente, vítima de discriminação social ou injustiça.

A impressão do "espaço de movimento livre" é fator vital na motivação e ajustamento do indivíduo

Sentido da redução do "espaço de movimento livre"

nenos ligado ao número de regiões realmente acessíveis do que ao número de regiões potencialmente acessíveis.

Numa sociedade cuja ideologia social prega a igualdade de oportunidade para todos mas nega na realidade essa oportunidade em função de preconceitos, comunica ao indivíduo um sufocante sentido de restrição. Comportamentos rigidamente lógicos

Áreas do conhecimento que apresentam um elevado grau de unidade sem contudo inter-relacionar-se com outras partes ou áreas exemplo: a inquisição queimava homens por zelo religioso

Regiões do espaço de Vida, inclui:

condições, atividades, lugares, pessoas - conscientes

Natureza das regiões do espaço de vida:

agradáveis

desagradáveis - em diversos graus

desejáveis

indesejáveis - em vários graus

isto é, elas podem ser negativas ou positivas, e disto podemos compreender muita coisa sobre a motivação

Regiões neutras - a maior parte

Caminhos para as regiões - como são percebidos

através do movimento físico atinge-se a região X

através da mobilidade social atinge-se a região Y

exemplo: orientar as relações no sentido das melhores pessoas, ou qualquer outro meio que possa ser percebido como possível ou capaz de propiciar ascensão social

Atinjo regiões Z do espaço de vida através do pensamento abstrato - lembranças do passado ou futuro, pela imaginação.

As regiões podem ser sentidas como próximas e de possível acesso ou distantes, inacessíveis, difíceis de serem alcançadas

Espaço de movimento livre

conjunto e proporção de todas as regiões consideradas acessíveis ao eu a esta sensação de potencialidade é o que a pessoa sente como seu espaço de movimento livre.

O espaço de movimento livre varia de pessoa a pessoa, de classe a classe de cultura à cultura, e está subordinado a condições de status social e financeiro

Ajustamento - motivação e espaço de movimento livre

os dois primeiros termos estão intimamente ligados à maneira como a pessoa sente ser o seu espaço de movimento livre.

O sentido de redução do espaço de movimento livre está menos ligado ao número de regiões realmente acessíveis do que ao número de regiões potencialmente acessíveis.

Espaço de vida e o Eu

Eu como centro do espaço de vida - egocentrismo - mundo para uso meu, valor do momento presente, o aqui e agora - imediatistas

Eu distante do centro do espaço de vida - como centro do espaço de vida pode-se ter uma ideologia, uma moral, um ideal, uma filosofia

Em relação a esse centro o eu é uma parte do sistema cósmico das coisas

Perspectiva de tempo

Da capacidade para julgar a duração do tempo (convenção) (habito) tiramos um quadro de referência de tempo - em relação a esse quadro mental situamos os acontecimentos

relembrados - passado

atuais - definindo um lugar específico do tempo

esperados - futuro

A isto chamamos "perspectiva do tempo", que varia conforme o indivíduo a idade e a situação.

A determinação dos valores pessoais e do comportamento estão ligados a perspectiva que o indivíduo tem do tempo

Clareza da estrutura da perspectiva de tempo no espaço de vida e sua ligação com a motivação:

* é difícil motivar pessoas para um novo projeto, em direção a um novo futuro, desde que não temos da perspectiva do futuro (racionalizar)

Os indivíduos se mostram mais dispostos, e os grupos agem mais eficientemente quando há clareza quanto as etapas futuras e sobre exatamente as consequências de cada um dos seus atos, qual a sua posição quanto aos seus objetivos o desânimo resulta da falta de clareza, quando o indivíduo ou o grupo não sabe para onde vão, não sabem compreender a importância e o lugar da atividade específica do momento, no quadro de referência mais amplo de progresso para objetivos mais distantes

Sinteses de limites do eu e do espaço de vida

- 1) eu muito ligado ao ambiente
- 2) eu muito desligado do ambiente
- 3) ambiente estranho ao eu, cheio de perigos e ameaças

Identidade - formas específicas da ligação

Identidade é uma espécie de relação percebida entre o eu e outras pessoas - representa uma ampliação do eu em termos de outras pessoas

Determinantes do desenvolvimento da identificação:

determinantes perceptuais - influência do como percebemos - princípio de agrupamento por similaridade e por proximidade.

Esta identidade pode ser em termos do eu real ou do eu ideal.

Situações psicológicas - aspectos isolados e selecionados do espaço de vida total e potencial vivido realmente num dado momento.

Como a pessoa sente e configura o mundo num dado momento (situação psicológica)

As situações psicológicas podem estar muito afetadas do ambiente presente e objetivo, é o que é sentido pela pessoa num dado momento e não o que o observador define como sendo a situação objetiva.

Caráter da situação psicológica, depende:

- 1) dos padrões de estímulo externo e interno que atuam no momento da pessoa.
- 2) da maneira como esses padrões de estímulo se organizam na relação com os processos provocados no sistema nervoso

As situações mudam continuamente porque continuamente mudam os estímulos (externos e internos) e a maneira como se organizam na relação com os processos nervosos provocados.

As situações psicológicas se sucedem ordenadamente e cada situação é vivida como parte de uma unidade temporal maior, um episódio completo que tem unidade significativa em sua mudança.

Motivos e o eu

Experiência - coisa vivida e integrada

Experientiar - ter experiência interior de alguma coisa

Nas situações psicológicas a pessoa tem experiência interior de alguma coisa, a parte mais importante é o estado de motivação

A pessoa só viver uma situação psicológica niente em relação a si mesma e ao seu ambiente

Percebe

- 1) perturbações personais e ambientais
- 2) deficiências "

Sente

aspectos da motivação aos quais se ligam intimamente experiências emocionais

- 3) necessidades

- 4) desejos

- 5) estabelece objetivos

- 6) realiza intenções

- 7) vontade

- 8) necessidade de escolha

- 9) realizar ações

situações psicológicas

- a) inabilidade, orden, deficiência (exceptionais)

- b) consciência de vários tipos e proporções de inquietação, perturbação e deficiências

Muitas perturbações são sentidas como condições do eu, especialmente do corpo.

A pessoa pode sentir-se:

angustiada

irritada

agitada

melancólica etc.

pode sentir:

dor de cabeça, do estômago, tenção muscular etc.

Muitas vezes percebidas como ligadas a deficiências ou necessidades, ou simbólicas

exemplo: dor de estômago percebida como o sentido de falta de alimento a fadiga como necessidade de repouso

Perturbações e deficiências percebidas na relação ex-ambiente:

ansiedades, rejeições a objetos, incompletação (tarefas), falta de conhecimento (para resolução de problemas), falta de dinheiro etc.

Perturbações e deficiências específicas em relação à pessoas:

sentido de abandono, de dominação, de não apreciação, de incompREENSÃO do desligamento

Perturbações e deficiências em relação direta com o indivíduo; as perturbações ou deficiências não são suas, mas estão "fóra"

exemplo: alguém deixou o serviço incompleto, alguém está afilito etc.

Perturbações percebidas

perturbação ou deficiência objetiva

Pode haver deficiência alimentar sem que o indivíduo a perceba.

Pode observar duas pessoas brigarem sem perceber o que ocorre.

Pode no entanto perceber deficiências que não têm correspondência objetiva.

exemplo: pode sentir-se recusado por uma pessoa sem que objetivamente haja razões para isso, podendo mesmo ser gostada por quem pensa não gostar dela

Motivação

A pessoa percebe perturbações e deficiências do eu e do ambiente. A pessoa sente necessidades.

Para ficar motivada a pessoa não basta perceber perturbações e sentir deficiências mas deve inicialmente sentir necessidade de querer corrigir, afastar, diminuir determinada condição. Bases sentimentais de insuficiência (inféria, incapacidade, etc) são chamados necessidades.

- 1) necessidades fisiológicas - deficiências - exigências orgânicas reais do corpo
- 2) experiência interior de condições de deficiência "necessidades sentidas"

A necessidade está ligada ao sentimento de ser obrigado a agir (fazer alguma coisa) face a uma perturbação ou deficiência sentida.

Perturbação é o mal estar, como mais próximo do eu está mais apta a despertar a necessidade.

A criança na maior parte das vezes sente em relação ao mundo adulto perturbações que não são sentidas como condições do eu, algumas vezes essas perturbações são sentidas como perturbações da relação do eu com o ambiente, ou especificamente, perturbações com relação à pessoa.

Pode também perceber a perturbação e deficiência no seu ambiente, nos objetos e acontecimentos, embora não tenham relação direta com ela.

Perturbações sondadas como condições do eu são aquelas que haja correspondência objetiva - exemplo: o hipocondriaco

Quando uma criança vê os pais brigarem percebe uma perturbação sem perceber uma correspondente objetiva

As perturbações ou deficiências podem ser percebidas:

- 1) com correspondência objetiva
- 2) sem correspondência objetiva

Perturbação - objeto estimulador

Necessidade- estímulo

Necessidade está ligada à tentativa de afastar, diminuir, corrigir determinada condição, a criança tenderá dada sua impotência para encontrar uma correspondência objetiva às perturbações percebidas a ter um comportamento que vice afastar ou diminuir a condição perturbadora e nunca tentará corrigir.

Objetivos

Objetivo - aquilo que se configura ao indivíduo como possível de afastar ou diminuir ou corrigir uma necessidade ou satisfaçõe um desejo.

Objetivo - é um sentido para alguma coisa, contra alguma coisa para a satisfação, contra uma necessidade

(o que realiza o objetivo é chamado objeto-alvo)

O objetivo compreende: o objeto-alvo

a atividade-objetivo

Mesmos objetivos estão ligados às minhas necessidades e aos meus desejos. Os objetivos se prendem à experiência passada, é a maneira como satisfezermos as necessidades passadas que determinam meus novos objetivos.

A experiência me informa que em vários objetivos satisfará um desejo ou corrigirá ou afastará uma necessidade.

A adequação dos objetivos é dada pela lembrança de como anteriormente reduziram a necessidade ou satisfezermos o desejo de maneira mais fácil.

regular e completa.

Preferência - dentre os objetivos igualmente capazes de satisfazer uma exigência, alguns se revestem de mais aspectos agradáveis e seu levar em conta sua simples utilidade funcional serão preferidos. Também esta preferência liga-se a experiência passada.

A natureza dos objetivos demonstra o grau de disponibilidade e de acessibilidade dos objetivos possíveis na escola, refletindo a situação psicológica aqui existente

Exoções (experiências fundamentais do eu) estados de excitação orgânica

experiência emocional - sentir-se emocionado
emoção

comportamento emocional - agir emocionalmente

alterações fisiológicas - sintomas emocionais (taquicardia, rubor etc.)

experiência emocional - intensidade, nível de tensão, caráter hedonista
grau de complexidade

Dimensão da experiência emocional

existe um grande número de experiências emocionais

existe porém "dimensões gerais" que encontramos na base da descrição de todas experiências emocionais.

Intensidade - a intensidade varia do menor ao mais alto grau, sendo que quanto maior a intensidade da emoção maior a tendência para que todo o eu seja sob "controle" da emoção.

Nível de Tensão - tensão emocional refere-se ao impulso para a ação em relação à tensão as emoções são tidas como "ativas" e "passivas". As emoções ativas e passivas são fundamentais para determinação do comportamento.

A diferença entre elas se acha na diferença do grau de excitação e na força de impulso para ação

Não há correspondência entre ativo e passivo e positivo e negativo, temos tristeza ativa ou passiva e alegria ativa ou passiva.

A intensidade de sentimentos e o nível de tensão estão muitas vezes correalacionados - um alto grau de tensão corresponde a uma grande intensidade de sentimentos.

Pode no entanto haver grande intensidade de sentimento junto a um baixo nível de tensão - exemplo: depressão profunda.

Caráter hedonista

as experiências variam quanto ao prazer ou desprazer que provocam:

nitidamente desagradáveis - tristeza, vergonha, remorso, medo

nitidamente agradáveis - alegria, orgulho, vingança

agradáveis ou desagradáveis: surpresa, piedade

O caráter hedonista da emoção liga-se ao grau da intensidade da emoção. Uma emoção agradável pode deixar de só-lo se for muito grande a sua intensidade, como uma emoção desagradável em baixa intensidade pode causar prazer - exemplo: medo excitante.

Grau de complexidade

As emoções são abstrações das situações contextuais em que ocorrem.

Ocorrer como aspectos essenciais e inseparáveis de toda experiência. Uma emoção é uma experiência interior específica que ocorre num determinado contexto e refere-se ao que a pessoa percebe sente e pensa. Principais tipos de componentes que constituem a experiência emocional sentimento corporal, impulso para a ação, percepções e pensamentos a respeito da situação imediata, objetos e acontecimentos de situação e suas relações com o eu.

Sentimentos corporais - nas experiências emocionais salientam-se estímulos do eu físico.

Tensão, achaque da garganta, taquicardia, tontura etc. ações involuntárias como chorar, sorrir, tremer, reações de surpresa. Esses efeitos podem ser imperceptíveis ou dominadores, podem ser aprendidos como centrais ou como periféricos a toda experiência emocional.

Até certo ponto podemos através da construção intencional desses sentimentos corporais (sorrir, chorar, encolher-se) podemos até certo ponto provocar emoção correspondente a estes sinais.

As percepções dos estados corporais podem provocar emoções (desde que uma situação seja percebida como paper de emocionar)

Poderíamos falar de uma "autoprovação" da emoção. As percepções dos estados corporais podem provocar emoções.

Podemos através de percepção das expressões externas da emoção no corpo de outra pessoa sentir a mesma emoção como se fosse nossa. Poderíamos falar de contágio emocional.

Emoções primárias

Alegria - busca e obtenção de um objetivo, depende do nível de tensão

Colera - barreira que se opõe ao atingimento do objetivo, principalmente quando existe uma frustração contínua e um acúmulo gradual de tensão

O resultado depende da existência maior ou menor de uma barreira identificável na realização do objetivo.

Médio, emoção de afastamento

condição necessária - percepção do objeto perigoso ou condição ameaçadora.

Fator fundamental na situação parece ser a ausência de poder ou capacidade da pessoa para dominar a ameaça.

O medo surge se ela não sabe como evitar a ameaça e especialmente se o caminho da fuga está bloqueado.

Ideologia e Segurança Nacional
Guerreiro Ramos

O problema do Poder Nacional

Sentido do termo ideologia no nível científico

Sistemas de idéias, fruto do existir histórico social, tema central da disciplina universitária - Sociologia do conhecimento.

Pensamento ideológico (razões de existência)

a) o pensamento e a conduta do homem não podem superar suas limitações históricas sociais. (o homem não pode transcender sua existência)

b) a impossibilidade de uma existência incondicionada

c) o eu isolado é uma ficção, seus significados são significados sociais

seria impossível a existência de uma língua sem a existência de uma ideologia.

A língua é o suporte material de significados, isto é, de pensamentos sentientes e percepções.

A esse sistema de significados é que chamamos ideologia.

A modificação de situação gera a modificação da substância, portanto de significados, consequentemente de ideologia.

ALTERNATIVAS DO ATUAL ESTADO DO PROCESSO BRASILEIRO

Mantenção do caráter de complementaridade

Vantagens (se isto pode ser chamado de vantagens)

a) menos risco

b) probabilidade imediata de razoável expansão material.

Características

a) mantém nossa condição de proletariado externo do mundo ocidental.

Presupostos ideológicos básicos

Imobilismo - conceção quietista do mundo, contrária a qualquer modificação na composição de forças atuantes em nosso tempo.

Argumentos - filiação cultural e fundamentos geo-políticos

Comportamentos - superstição dos fatores geográficos e culturais, desligando-os da totalidade histórico-social de que são simplesmente aspectos dinâmicos.

TODO ACONSELHAMENTO BASEADO NUMA CIÉNCIA ECONÔMICA QUE CONSIDERE DEFINITIVAMENTE A CONDIÇÃO DE COMPLEMENTARIDADE ENTRE A ECONOMIA DOMINANTE E SUA PERIFERIA, REVELA POR ISSO MESMO A SUA INTENÇÃO IDEOLÓGICA E CONSEQUENTEMENTE ALIENADA DO PONTO DE VISTA DOS PAÍSES DA PERIFERIA.

Correntes universitárias da ciéncia econômica dos países dominantes de

de tradição clássica.

Conceito de neutralidade que não ag. dí conta do condicionamento histórico-cultural das interpretações econômicas.

Tal subserviência a esta teoria econômica universitária dos países dominantes resulta de uma colocação de a priori existencial que preside inevitavelmente a toda produção de idéias.

A utilidade dessa economia deve ser subsidiária. O problema do desenvolvimento econômico de um país periférico envolve uma opção radical cuja validade deve ser apreciada na esfera dos valores e que transcende por isso mesmo a mera indagação econômica.

NESTA OPÇÃO DEVE ESTAR PRESENTE OATO EXISTENCIAL ORIGEMDO DA VOLUNTADE DE CADA CIDADÃO EM RELAÇÃO AO QUE CONCEBE COMO PROJETO PARA SEU PAÍS E QUE ENCONTRA SUA EXPRESSÃO EM UM GESTO EMISERAMENTE POLÍTICO, GESTO ESTE QUE SE REALIZA SEGUNDO CRITÉRIO DE VIGÊNCIA E DE IMPENIOSIDADE

* Faro Isto seria preciso um governo realmente democrático*

Objetivos atuais do Poder Nacional

As instâncias do poder, em suas mais diversas modalidades, para levarem a bom termo o nosso processo de emancipação têm de considerar a exigência ética nele incluída, o seu conteúdo de valor, e não serem apenas receptivas ao que contém da possibilidade material nesse processo.

Bom Desenho

Transitório, circunstancial, representativo de um momento histórico do processo de emancipação, servido pela exigência ética, conteúdo de valor coetâneo desse processo. Resultado de uma motivação concreta, expressão de uma vivência comunitária (princípio coletivo), tradução formal da ideologia que funcionalmente contém o sistema nacional dentro de um limite de segurança (atualidade da forma e conteúdo)

Segurança Nacional.

Os critérios de segurança nacional são variáveis históricas que refletem as alterações de força e conteúdo por que passa cada país.

Observações a respeito da segurança nacional brasileira:

- a) quanto ao conteúdo sistemático essencial, o problema da Segurança Nacional é assunto público. O caráter reservado do assunto deve-se limitar ao que diz respeito à aplicação incidental de seus critérios
- b) na medida que a segurança nacional visa a defesa da nação em sua substância, o povo, e não de um aparelho estatal que não o represente seus critérios fundamentais não podem resultar de elaborações de gabinete.
- c) As razões de segurança nacional devem refletir e traduzir a orientação dominante na política interna do país, qualquer orientação contrária é destituída de autoridade e de representatividade.
- d) O sistema de segurança nacional deve ser dotado de plasticidade e sensibilidade para acompanhar as variações de sentido geral da política de uma comunidade nacional relacionando-o às exigências históricas.

Superior do Desenho
ESDI
Setor - (P) / 1969

e) Os fundamentos da segurança nacional não são abstrações; são ideológicos. Ela cumpre um papel determinado por uma configuração político-ideológica definida.

f) Tanto mais os detentores do poder respondem à intencionalidade subjacente na conduta popular, mais sabem estabelecer a estratégia e a tática da segurança nacional, fundamentada na ideologia mais adequada.

Considerações atuais a respeito do problema da segurança nacional brasileira:

- 1) O aparelho de segurança nacional deve organizar-se no sentido de proteger as forças recém-criadas (indústria nacional).
- 2) Essa proteção é orientada contra toda espécie de infiltração nova, econômica, política e cultural.
- 3) As formas de pensar correspondentes à etapa da complementaridade protegem essas forças nocivas (imperialismo) (alienação das classes dominantes).
- 4) Os esquemas de segurança nacional devem articular-se sobre seus suportes populares seu dogmatismo.
- 5) Este esquema deve ser fruto de uma reflexão sistemática deixando as soluções imediatistas ditadas pela pressão incôncorda dos fatos.

O afastamento dos titulares do poder das bases populares explica-se sociologicamente pela natureza institucional vigente que impede o contato constante desses titulares com as massas expondo-o à influência de círculos de cúpula que fazem prevalecer diretrizes de sentido retrógrado.

Torna-se urgente que as instâncias do poder nacional fundamentem-se no conjunto de exigências de várias naturezas impostas de modo crescente pelo projeto coletivo da comunidade.

Política externa

- 1) Desvinculamento entre a opinião popular e os órgãos de política externa.
- 2) União de qualquer tentativa de desempenho independente no jogo das forças mundiais.
- 3) Porém: nenhum povo alcado ao âmbito vestibular de sua revolução nacional deixa de fazê-la ainda que a custa dos maiores sacrifícios materiais.
- 4) Técnicamente entende-se por revolução nacional:
MUDANÇA QUALITATIVA QUE SE OPERA NUMA COLETIVIDADE HUMANA QUANDO PASSA DE UMA FASE HISTÓRICA PARA OUTRA SUPERIOR.

- 5) Para concretizar-se essa revolução é preciso que se use a política externa como um campo tático, e a malogridade histórica de uma nação que ainda não concretizou essa revolução revela-se pela aptidão que tem de libertar-se de uma posição caudatária.
A firmeza de uma tal conduta tática supõe uma perfeita articulação das instâncias de poder com as massas populares.

Dados concretos já existentes que permitem já a execução desta tarefa que depende para ser empreendida de um dado ânimo - nossa vontade

- a) Crise do poder mundial - descentralização redistribuição das forças mundiais impõe pela atuação reivindicadora de um crescente número de países que assumiram uma conduta dinâmica, comandada por uma decidida vontade de autoconferenciação cultural e econômica.
São essas tensões que abrem espaço no mundo contemporâneo para o desempenho histórico dos países subdesenvolvidos como o Brasil.
- b) O comportamento internacional da periferia latino-americana está longe de poder equiparar-se ao da periferia afro-asiática.
Nas atuais condições econômicas, políticas, sociais e geográficas são ainda escassas as possibilidades de uma conduta externa totalmente liberta de pressões heterônomas.
- c) os fundamentos da terceira posição não são fruto de uma opção abstrata ou de um zero estado de espírito, são possibilidades reais contidas no processo de cada nação e torna-se utópica quando essas possibilidades não existem.
- d) Não podemos no momento termos uma veleidade utópica de terceira posição, nem mesmo uma terceira posição sistemática estaria ao nosso alcance no momento.
- e) Resta-nos a terceira posição empírica ou tópica

1) uma comunidade pan-americana de interesses, procurando encaminhar a discussão dos compromissos internacionais para um terceiro cada vez mais concreto em que caso por caso se pusessem em confronto as situações objetivas em jogo

(exemplo: recente legislação sobre nossas jazidas)
medidas como essas representaria no chamado ocidente o fomento de uma problematização do campo hegemônico seu a qual nenhuma nação latino-americana transporá os clássicos limites de uma condição histórica alienada.

2) processo de politização das massas cujos reclamos não podem mais serem atendidos senão pelo desenvolvimento econômico.
isto quer dizer ruptura com os antigos quadros de complementariedade e de dominação expositiva de que se beneficiavam grupos oligárquicos privilegiados.

OBJETIVOS FUNDAMENTAIS DO PODER NACIONAL NA ATUAL ETAPA DO BRASIL

a) internamente:
constituir-se como suprema instância normativa hábil, dígo, hábil para encaminhar o processo de emancipação do país, defendendo-o das forças que o ameaçam.

b) externamente
tornar-se a garantia de uma política internacional que tire legítimamente o melhor partido dos acontecimentos mundiais.

Corpo político: - por entendermos todos os grupos e dirigentes que desempenham um papel ativo na organização da sociedade. Podem ser empresários auto-designados, registrados eleitos, altos funcionários sindicais ou senhores feudais do passado.
neste conceito compreende estes elementos políticos por excelência, que concentram em suas mãos as funções administrativas, o poder militar e a direção social.

Em última análise, este livro trata da polaridade fundamental que define o presente momento da vida brasileira e que se resume na luta entre Fazão x Anti-Fazão.
Estas são duas categorias chaves à luz das quais se explica a contradição mais saliente em nosso país.
Condições Sociais do Poder Nacional

Poder: oportunidade que possue indivíduo ou grupo de indivíduos de impôr sua vontade na ação comum, mesmo contra a vontade de outros que dela participam.
No entanto deve essa vontade assegurar a efetivação das possibilidades contidas em uma etapa social determinada e center-se fundada nos valores e fins presupostos pela ação comunitária. Exclui-se, dígo Exclui-se pois o arbitrio e só permaneça dotada de aptidão coercitiva nas condições acima descritas.

A estrutura do poder é parte integrante de toda manifestação de vida socialmente organizada, determinando necessariamente relações de subordinação e super-ordenação, estabelecendo diferença entre os que o exercem e os que a elas estão sujeitos.

Vamos considerar o poder em sentido lato e em modalidade histórica específica, a que apresenta nas comunidades organizadas como nação. Tal é o poder nacional que se identifica com o que Karl Marx chamou de "Corpo Político", operadas nesta noção as retificações que adotamos Poder Nacional - conjunto de todos os grupos e indivíduos dirigentes que desempenham papel ativo na organização de um país, de todos os elementos políticos por excelência que concentram em suas mãos a direção econômico social, o poder militar e as funções administrativas. Qual a participação do complexo industrial, no qual o desenvolvimento industrial se liga diretamente ao exercício do poder?

O Poder Nacional

a) Variações históricas na sociedade brasileira
Supostos concretos em cada caso

Como tem variado historicamente, no Brasil, o cabimento do poder nacional?

Onde se encontra o poder no Brasil atual?

Quais objetivos desse poder desempenham títulos de poder nacional, tanto em vista da particularidade histórica do Brasil e da mundo?

Sem confundir ficções jurídicas com realidades sociológicas, a existência de um poder nacional a rigor não era possível num país com características muito peculiares advindas do fato de ser o mesmo da base extensamente agrária.

Condições econômicas e demográficas impediam concretizar-se no país, com a experiência comunitária, a categoria de nação.

Pouco se altera a natureza da situação histórica do Brasil ao proclamar-se a sua independência em 1822.

Apenas adquiriu força nacional, entretanto em relação a sua anterior situação da colônia portuguesa representava esse novo status apenas mudança de grau.

O poder estava com exclusividade nas mãos dos proprietários de terra, quando havia no país um sistema ganglionar de unidades de produção desarticuladas e auto-suficientes.

O constentáculo do poder eram as oligarquias e do compromisso que mantinham entre si recutava o poder nacional ("bandos")

O exercício do poder exercido por esse tipo de classe dominante ajustava-se à respectiva estrutura econômica e social.

Objetivos

Internamente - assegurar o predominio dos fazendeiros, nos quais cabia explorar o território, organizado como área complementar da economia dominante

Externamente - subordinação do Brasil aos interesses da nação eventualmente hegemônica no ocidente.

Fendo esta porém a faixa manejada o Brasil integrar-se na história universal - isto é como região periférica do ocidente.

A organização política do país nasce da iniciativa criadora dessa classe dominante no espaço da liberdade que lhe cobrava. A situação econômica em tal fase está estreitamente condicionada pelo comércio exterior. Limitava-se a capacidade de interferência dessa classe (senhores de terra) reduzida a mero intermediário da exploração colonialista.

Sociologicamente relevante é o fato que durante a dominação dos fazendeiros o Brasil é um país sem povo.

Não se podia dizer que houvesse uma sociedade constituída (agregada)

Sem mercado interno

Sem sistema nacional de transportes e comunicações

Manchas demográficas separadas por largas partes de terra.

A unidade política (governo central) era garantida pelos compromissos entre os chefes locais.

Não eram maiores pois esta não se configura historicamente senão sua substância que é seu povo

Características básicas do período.

Lei estrutural básica - Lei da Complementaridade

A complementaridade como verdadeiro princípio ordenador ou configurador como fato social total, permeava todos os níveis de nossa existência.

Economicamente - integrantes de um sistema da divisão internacional do Trabalho, competia-nos satisfazer a demanda externa de produtos primários.

Socialmente - ausência de classes sociais diferenciadas. As oligarquias desempenhando um papel de setor descentralizado da área hegemônica do capitalismo no mundo

Que se entende por alteração de nossas relações de produção?

Politicamente e culturalmente - reflexo da alienação que afetava nossas relações de produção

Estamos vinculados necessariamente, dado esse caráter complementar a esquemas de integração internacional, como os que têm sido chamados de Iusitaniada, latinitude, pan-americana e ocidentalidade, nos quisimos refletir aquele traço.

A formação de um mercado nacional contribui para a superação da etapa complementar. Implicando numa transformação qualitativa de nossa infra-estrutura econômica e em consequência altera-se o esquema de convivência das classes sociais.

Novos termos de poder nacional

A alteração de estrutura resultante da formação de um mercado interno corresponde num alteração do substrato do poder

substrato: o que forma a parte essencial do ser; a essência, aquilo sobre o qual repousam as qualidades.

Consequências da formação de um mercado interno

1) Perda pela classe de proprietários de terra da posição de domínio da sociedade

Fragmentação da estrutura de poder

Aparecimento de uma burguesia empreendedora, cujos interesses estão

diretamente ligados à base econômico-industrial

Aparecimento de um proletariado

Esta nova força política reposa a matriz do um verdadeiro povo representando hoje a maior força política do Brasil.

Surge um novo substrato de poder

Novo na estrutura do poder com o aparecimento dessas novas condições uma radical mudança de fundo apesar de não haver uma correspondente mudança de forma, porém não se pode dizer que as instituições não tenham mudado de sentido - mudaram efetivamente.

Apesar do regime n "oui disant" presidencialista ocorre uma parlamentarização do regimen do que não se tem consciência mais lícida e sistemática como seria de desejar.

Por parlamentarização entender-se-á o incremento da participação popular na direção da sociedade brasileira.

Durante a fase de plena dominação dos senhores de terra tivemos:

1) um executivo todo poteroso - quem o controlasse dominava o país. O executivo influía nas eleições e seus candidatos eram invariavelmente eleitos.

Apoiado nesse poder e comandando uma constelação de grandes e pequenos coronéis, distribuídos segundo sua importância pelos níveis da Federação do estado e dos municípios.

O Executivo decidia da sorte de candidatos no parlamento nas mais longínquas regiões do país.

Os candidatos não apoiavam-se no corpo eleitoral constituído de cidadãos politicamente inidos, facilmente manipulados pelo chefe local. Chefe local via controle do mecanismo de apuração de votos mantinha para a classe dominante um congresso dócil aos seus intentos.

Reivindicações mais importantes do credo civilista de 1920 e dos revolucionários de 22 e 24 era a eliminação da fraude nas eleições. A derrota do candidato do executivo em 1930 é um sinal eloquente dessa mudança na configuração do substrato do poder nacional.

Dessa data em diante (1930) os acontecimentos políticos exprimem o sentido de transição do poder para os órgãos que veiculam a vontade popular.

Hoje em dia grande parcela do poder está no congresso e nas ocasionais agências de cunho popular que se formam mais ou menos espontaneamente nos momentos de crise aguda.

Desorganização da opinião popular - causas :

1) não integração dos partidos nas massas eleitorais do Brasil, como consequência das precárias condições ideológicas dos partidos políticos. Para corrigir essa carência de integração seria preciso aos partidos operarem como agremiação capazes de traduzir os programas as aspirações populares earem capazes de mobilizar a manifestação pública de tendência coletiva.

2) uma estrutura sindical outorgada pelo estado, implantada de cima para

baixo propiciando a formação de uma burocracia sindical parasitária (poligamia).

Tudo isto impede a representação autêntica das aspirações do proletariado.

O atual desenquadramento institucional em que se encontra a opinião popular só poderá ser conjurada quando o Congresso coincidir ideologicamente com o mandato que o instaura e os partidos, o aparelho sindical e demais instrumentos de expressão da vontade do povo se prepararem do novo sentido da evolução brasileira.

Nova classe dominante - ainda não dirigente.

Dominante porque levada ao centro de decisão da sociedade brasileira por um processo vegetativo de crescimento.

Técnicamente tal classe merece ser chamada dominante por essa posição para tornar-se.

Dirigente precisa adquirir a consciência das necessidades orgânicas da sociedade na fase em que se encontra seu processo.

O que caracteriza uma classe como dirigente é a coincidência entre sua compreensão subjetiva e o sentido objetivo inherentemente ao processo que a sustenta no poder.

Classe industrial

Dominante mas não dirigente por carecer de consciência das necessidades orgânicas da sociedade brasileira em sua fase atual.

Característica comum a toda época de transição, quando uma classe recém-constituída toma ao poder o lugar de outra mais antiga.

Qual os fatores objetivos e qual a prédio que contribuirão para formação dessa consciência do povo como nova classe, a fim de transformá-la de dominante em dirigente?

Bemão Industrial entraria como fruto dessa consciência?

Se estaticamente ela não existe, qual a contribuição que a Escola Superior de Desenvolvimento Industrial, em função mesmo de sua cobertura social, pode dar à essa classe?

A alienação dessa classe dominante não deriva de falta de condições concretas, está mais ligada

- 1) a rapidez com que se operou a transformação do país nos últimos 25 anos
- 2) um mercado interno incipiente datando pouco mais de um quarto de século,
- 3) uma composição predominantemente agrícola da renda nacional, reflexo incontrastável, o pouco menos de 25 anos das oligarquias de proprietários de terra.

Por todas essas razões a fala de base ideológica assentada dessa nova classe determina a seus espreendimentos um caráter imediata e tópico.

Superior de Desenvolvimento
Industrial - ESDI

A função da FNDI serve a de auxiliar a formulação desse novo ideológico não ocorrendo só com o problema sob uma perspectiva intelectualizada, mas atitude cívica, criando uma ação para o círculo de sua produção da cidadania com seus direitos.

Sobre a FNDI dar esquemas que os formam em seus círculos, a consciência de que como círculos de ligação entre uma classe dominante, na maioria ainda inconsciente das necessidades orgânicas da sociedade, na base em que se encontram o seu processo, tal como elemento codificador que ajudar essa classe a precisar suas objetivas, orientando-a para o exercício do um poder livre do arbítrio, que assegure a efetivação das possibilidades criadas por uma etapa social determinada, fundado nos valores e fins prenuptivos pelo espírito cívico.

BNDI e o problema de redefinição do poder nacional.

Atenta a dois fatores em ascensão

Forças de integração

Fatores de integração

Sociedade

1) conexão dos problemas de liberdade, igualdade, personalidade
problemas que surjam na medida em que o Terceiro Estado adquire vontade plena, digo, política, isto é, se transforma numa força para si

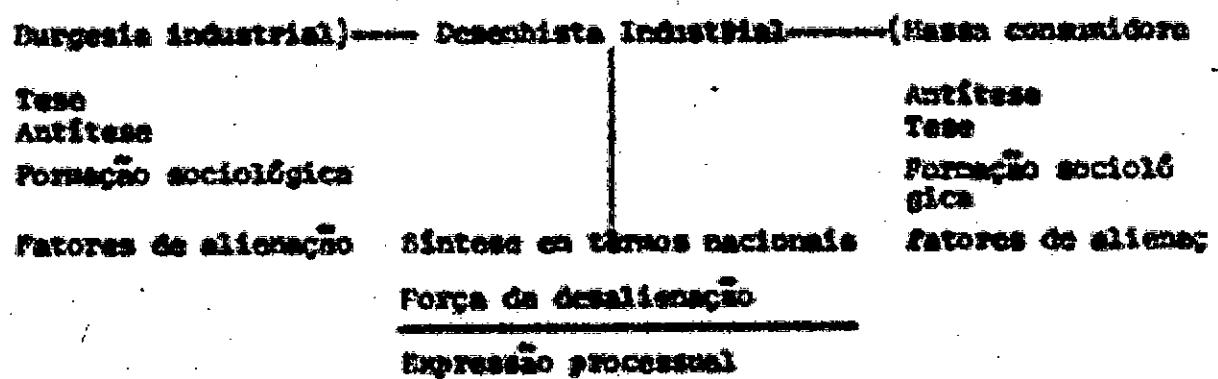
2) é a ordem dos bens, determinada pela repartição dos bens e pelo trabalho entre elas.

3) o lugar de cada um no sistema de relações sociais de dependência
aparece a sua consciência sob a forma de interesses.
o interesse é portanto princípio motor da sociedade.

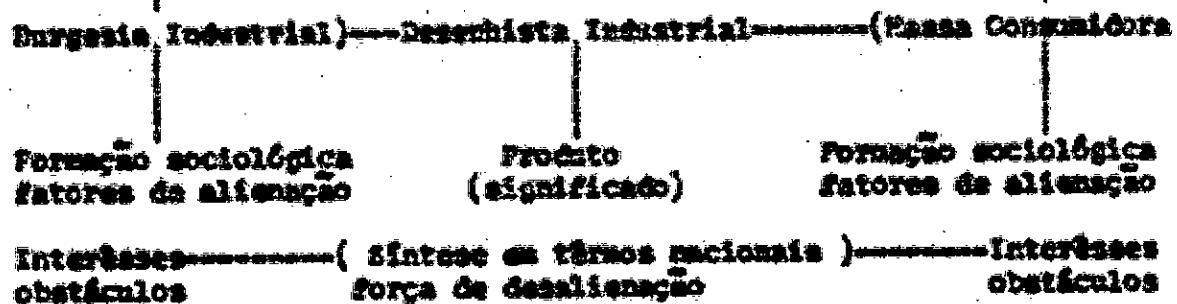
4) sistema de múltiplos esforços isolados dos mestres do povo, aquela rede de dependências de todas as classes que surge pelo intercâmbio.

5) sociedade é todo grupo de pessoas que vivem e trabalham juntas durante um período de tempo, suficientemente longo para se organizarem e se considerarem como formando uma unidade social com limites bem definidos

Nas condições atuais do processo social brasileiro.



Relação com o Poder Nacional - Expressão Política



Estrutura do Consumo Interno Classes Dominantes

Empresário Industrial e Desenvolvimento Econômico
Fernando Henrique Cardoso

Empresários, Capitalismo e Sociedades Industriais

Função dos empresários - como categoria social
em dois momentos do desenvolvimento atual da economia do "mundo ocidental"

Fatores atuais - cisão entre propriedade e controle administrativo
reorganização do mercado mundial provocada:

- a) pela formação de blocos regionais
- b) pela incorporação dos antigos países coloniais ao mercado

nos quais muitos autores têm atribuído efeitos exagerados, quando não falsos, na redefinição dos padrões fundamentalistas da sociedade capitalista

em autores como

Dahrendorf (1959), Berle (1959), Rostow (1961) nos quais se vê os fundamentos de uma teoria sobre a sociedade neo-capitalista ou pós-capitalista corroborada pelo análise de Littrachey (1956) sobre o "capitalismo da última fase", que sonadas as concepções Keynesianas do Welfare State - realizadas por autores como Lerner (1944) ou Galbraith (1953) delineiam a nova perspectiva de análise ortodoxa das novas sociedades industriais modernas e do capitalismo contemporâneo.

Rostow

a transição da sociedade tradicional agrária para a sociedade industrial moderna é função da relação entre taxa de investimento e crescimento demográfico.

Quando esta taxa supera o crescimento demográfico

nesta explicação de transformação exclui-se

- a) análise estrutural do sistema produtivo
- b) elinica-se as diferenças entre forças possíveis de reinteração dos sistemas produtivos em tipos particulares de sociedades globais

Neste caso prevalece na explicação dados de natureza puramente econômica. A mudança social não é apresentada em seu caráter político, não parte de relações entre fatos concretos mas de conceitos abstratos (taxa de investimentos) (expansão demográfica)

Considera como forças impulsoras do desenvolvimento as conjugações favoráveis de

- 1) recursos naturais favoráveis à industrialização
- 2) ciência moderna e objetivos sociais motivadores da ação modificador dos homens (dignidade nacional, lucro privado, bem estar geral etc.)

pré-condições para o arranço
condições psico-sociais
tecnologia
recursos naturais

aumento da produtividade graças à
técnica e o aumento das inversões

1º FASE de passagem

1) segundo Rostov
as quais fases históricas do desenvolvimento

- a) formação das pré-condições - conjugação dos fatores
- 1) matéria prima - (recursos naturais)
 - 2) tecnologia
 - 3) ideologia
-

Pré-requisitos do avanço (duas modalidades)

- 1) transformação da estrutura social, do sistema político e das técnicas de produção
- 2) processo econômico - técnico

Diferença entre etapa do acondicionamento e era do consumo
Trânsito da liderança do desenvolvimento do setor secundário para o terciário (serviços e produtos duráveis de consumo)

" Máquina simples "

essência de uma máquina simples - existência de partes rigidamente ligadas cujos " caminhos de movimento "

Sociedade tradicional agrária pode ser compreendida como uma máquina simples

Quais as partes que a compõe?, a natureza rígida de suas ligações?
Quais os caminhos fixos de movimento?

Econômico ?

Social

Político

Cultural

Sistema Físico dinâmico

A sociedade como um sistema físico dinâmico

Problematika da arte contemporânea

Wilhelm Worringer

Arte de artistas | termos polares
Arte do público

ditadura do produtor
ditadura do consumidor

Essa atual arte, a única que reconhecemos como arte viva e contemporânea ou seja, "moderna" propõe um questões que em sua forma ditílica culmina na reivindicação de um direito ditatorial para os produtores.

Os que defendem esse ponto de vista o fazem em nome do caráter performativo e infalível da sua dever artística.

É uma potência evolutiva suprapessoal que lhes dita essa eleição.
Tendência é:

Características - anti-realista, anti-factual, dirigida às relações estruturais de que os fatos são reflexos, auto-determinada, atitude de negação. "espiritualista" como a arte medieval rejeita a legalidade natural.

1) arte de artistas | em relação aos meios de expressão com os quais
2) arte para massa | operam as artes plásticas

1) os meios determinam primordial e constitucionalmente o processo criativo

2) os meios se subordinam à uma finalidade primordial - captação reprodutiva da natureza.

os meios só são reconhecidos pela sua possibilidade de aplicação a um fim determinado.

e só lhes dão uma vida artística própria na medida em que não perturbem aquele fim primordial.

Para esta arte (2) a questão ideal e o postulado ideal firmam-se em que a obra de arte apresenta uma compensação orgânica entre a forma natural e a forma artística.

Nesse sentido nua tal concepção pública de arte é o produto inconsciente de uma educação e de um hábito emanados daquela cultura artística que desde os tempos do Renascimento assumiu um papelominirigente e determinante da tradição.

Daf que em sua melhor faceta tal concepção seja plenamente discutível e em faceta mais desfavorável confunde o prazer da obra de arte com o prazer do artefato, do artifício e com isto torna-se plenamente indiscutível.

Esse caráter de prestidigitador artefactante surge quando mediante todos os recursos - ainda os artisticamente ilícitos - se procura alcançar a coincidência com o meio natural que só pode operar ao expectador o prazer trivial da identificação imediata (não mediada)

Arte Moderna

Critérios - rejeitando o caráter hegemônico do modelo natural no processo norfogenético o faz rejeitando-o bem como a toda medição compassadora. Parte para um extremo oposto em que são soberanos os meios de expressão artística como reguladores do processo plástico. Libertam os meios de expressão da sua subordinação que na última instância era adâmante de natureza reprodutora, para transformá-los também aprioristicamente em fatores produtivos em si e lhes conferindo um auto-direito produtivo.

Arte de artista	apriorio	meios de expressão artística
Arte para o público		natureza

Pela rejeição do modelo natural cria uma possibilidade de eventualmente levar a perda de qualquer possibilidade de identificação.

Temos então até aqui a exposição de dois apriorismos fundamentalmente opostos, que torna inevitável o malogro de qualquer tentativa de compreensão, e não ser que nos pontos de contato e de transição subsista ainda certa possibilidade aparente de entendimento.

Não devemos confundir a aceitação de pequenas transgressões, por parte do público, dos limites trazidos, ponto de inflexão, e trabalho de propaganda com a afirmação (compreensão) básica desses valores.

Pretendo através da capacidade autônoma de expressão da cor, plano, ritmo, linha e sólido dê-las receber a lei e o sentido da criação formal e da expressão artística, eis as pretensões e necessidades mais íntima dessa arte degenerada.

Levada as suas díltimas consequências converte-se em uma arte puramente formal, abstrata e absoluta.

Renunciando a qualquer objetividade adâmante permite a expressão cifrada de um puro simbolismo formal, exigindo do receptor a preexistência de condições excepcionais.

Infelizmente são os casos nos quais esta espécie de arte se converte em um mero jogo, fruto de uma verdadeira degeneração que por si sós põe em dúvida a razão de ser desse tipo de arte.

Com a hegemonia dos meios expressivos a linguagem adquire um caráter suprapessoal que oferece um frágil refúgio a quem nada de próprio e substancial tem a dizer.

Refugiados numa profundidade linguística esses artistas que pensam e criam, por eles, esses artistas têm facilitado a insubstancialidade entranhando-a atrás da simulação e de uma máscara de um "como se". Infelizmente são as etapas que levam desta arte inobjetável-abstrata às múltiplas formas mistas e intermediárias nas quais a objetivação desempenha, pelo menos, o papel de um fator desencadante no autêntico Jogo simbólico dos meios artísticos.

Não se exige mais o ouvido norfomusical absoluto, tão raro, mas apenas o ouvido norfomusical relativo que segue sendo um requisito restritivo aos norfomusicalmente surdos.

Qualquer que seja a natureza simbólica da linguagem utilizada teremos conforme o conceito da Simbólica, que símbolo é a transmutação de um dado abstrato (índia) em um fato físico. Sua função é pois representativa.

O símbolo como tal permanece alheio à natureza, pelo menos à natureza concreta.

A questão que se coloca é se esta expressividade simbólica revela uma segunda natureza - uma natureza ideal.

Em todo caso este suposto é realmente a premissa inconsciente de toda arte que se abandona à própria expressividade.

Expressionismo

Opera com a capacidade simbólica dos meios de expressão formais, porém os mantém vinculados ao ponto de partida de um tema objetivado. A interpretação do que nos une à natureza através de sua contemplação mais que a anulação de todo vínculo com ela - este é o ponto de partida da criação expressionista.

Interpreta o mundo sensorial partindo da subjetividade de um viver e reviver contemplativo, no qual elimina-se a separação entre o viver sensorial e o viver espiritual.

O meio dessa interpretação se fixa no caráter simbólico da expressividade própria da forma artística em si.

Também aqui exige-se do espectador uma capacidade mental preexistente ao menos esboçada, para a recepção das possibilidades expressivas artísticas. Bem isto estará subordinado a ver nada mais que uma "insensata" violação de todos os dados sensíveis, que na realidade desempenham um único papel: um condicionamento inicial.

As configurações artísticas nas quais a natureza é interpretada (só deformadas) para corresponder a uma configuração simbólica (ideal) da imagem do mundo só são apreciadas pelo público com a atenção posta na adequação da deformação, para confrontá-la em seguida com o protesto de haver deformado deliberadamente a natureza.

Neste protesto, a agrevante da procederização nem sique é de todo gratuita, dado que se trata de reações interpretativas baseadas em um fundamento subjetivo consciente.

Na aplicação apriorística do conceito de deformação reposa a atitude errônea do expressionismo, frente à própria lógica estrutural desse tipo de expressividade artística (hegemonia dos meios de expressão artística como reguladores do processo morfogênético artístico).

O final do expressionismo marcado por uma atitude compensatória - o renascimento do objetivo na forma - "nova objetividade".

Nova objetividade

Contrapõe-se ao expressionismo, ao caráter exaltado do fator criador, implícito na intensificação vivencial subjetiva, numa subjetividade vivencial e ideologicamente condicionada.

A atitude existencialista da "nova objetividade" antecipa-se à expressão filosófica do existencialismo.

Partindo de um vazio, abandonando toda e qualquer colocação apriorística intelectual ou afetiva, proclama a sorte da "coisificação" até convertê-la em pura objetividade.

O público reage desfavoravelmente a nova concepção artística rejeitando o convite para a verificação comparativa com o conhecido. Rejeita ao encantamento operado com esta objetivação das coisas, que aos iniciados fala com um novíssimo feitiço de significação, sinistra por seu silêncio.

O público reconhece na aparente proximidade da natureza o atípico de estranhamento existente entre aquela arte e a objetividade concreta que lhe é tão familiar.

Rebelia-se contra uma objetividade de atelier, nascida do isolamento. Sem tomar conhecimento disto o artista deixa transparecer nesta mistificação a trágica atualidade de um frio indiferentismo e nihilismo.

Surrealismo, dadaísmo também. Elas sintomas absolutamente sérios de atitudes anímicas que hoje se tornaram legitimamente possíveis, mas que se desenvolvem com absoluta exclusão do grande público que apenas pode ter participação do nosso planejamento básico.

Dentro dessas considerações podemos reduzir as tendências configurantes da arte atual a um denominador comum:

Seu maior ou menor afastamento da natureza.
Arte afastada da natureza é arte afastada do público.

História da Riqueza do Homem
Leo Hubermann

Sociedade feudal.

Sacerdotes

Guerreiros

Trabalhadores (produtos de bens de uso e consumo para as duas classes)

* a história dos desembolsos monetários no premo e evolução metrífica destas duas classes.

Se havia um gasto da época esse gasto era determinado pelas classes dominantes, pelo menos quanto ao que eram e consumiam.

O cavaleiro que exercendo-se em excedeu distinção entre duas armadas qual é mais bonita.

Se a última produzia as duas primeiras determinava o carácter dos objetos produzidos.

Se lado destas produções para a classe dominante tinhamos uma produção de bens de uso e consumo que eram os que os trabalhadores forneciam para elas e que por sua própria condição social revela um outro ordenamento.

É racional pensar-se que quem fabricava era quem trabalhava - portanto todo o tipo de implementos agrícolas foram construídos pelos trabalhadores, e que assim, ficou essa classe a que possuía a ciência e a habilidade disso fazer.

Se havia motivo para o pão ou prensa para a vila, a propriedade era do senhor, mas a técnica era do trabalhador, e ele deveria partir todo o aprimoramento tecnológico, pelo que era de se observar a actividade dessa observação prever.

Era tão grande que seu trabalho experimental contribuiu com o fornecimento de conceitos que possibilitaria as classes dominantes criar as generalidades técnicas.

Trabalhadores -

Servos de domínio - permanentemente ligados a casa do senhor e trabalhavam em seus campos durante todo o tempo.

Fronteirinhos - camponeses muito pobres que mantinham pequeno arrendamento à cria da aldeia.

Aldrões - sem terra, trabalhavam em troca de comida.

Vilões - servos com maiores privilégios pessoais e econômicos, classe em ascensão, caracterizava-se por maiores deveres para com os senhores. Os deveres assumidos para com o senhor eram mais precisos ficando mais os senhos protegidos de seus caprichos.

Alguns eram dispensados dos "dias de dívida" e trabalhavam apenas nas tarefas normais de cultivo.

Alguns não desempenhavam qualquer tarefa mas pagavam ao senhor uma parcela de sua produção (forma semelhante aos atuais sequeiros).

Outros pagavam em dinheiro o valor da produção correspondente ao senhor. Alguns vilões eram quase tão libertados como homens livres e podiam alugar parte da propriedade do senhor além de seus próprios arrendamentos.

Dessa maneira havia cidadãos que eram proprietários independentes e se viam obrigados às tarefas do cultivo, mas pagavam uma taxa ao seu senhor.

Apesar dessas condições variarem de lugar a lugar temos como características básicas do sistema feudal:

- a) a crença dos senhores que os servos existiam para servi-los
- b) a organização no todo baseava-se num sistema de deveres e obrigações (costume)
- c) Os servos eram uma extensão da propriedade senhorial
- d) o Rei era nominalmente o senhor de todas as terras, que eram arrendadas a nobres ou cidadãos comuns (principais arrendatários) as terras com o tempo tendiam a ser divididas em arrendamentos menores pela necessidade que sentiam os senhores de terem tantos vasalos quanto pudessem e para tanto cediam parte de sua terra que era a única forma de consegui-lo.
- e) o sentido de riqueza era medido em funções da propriedade em terras.
- f) uma grande acumulação de capitalável, improdutivo, pois havia pouco empréstimo para os nobres.
- g) exceptuando-se sal e um pouco de ferro nada era comprado, praticamente tudo que se usava e consumia era consumido no feudo
- h) a economia feudal era uma economia de consumo e cada aldeia feudal era praticamente auto-suficiente.
- i) o mobiliário ou qualquer implemento que se necessitava era feito pelo servo, e os mais habilidosos eram atraídos à casa do senhor
- j) o estado feudal era praticamente completo em si, fabricava o que necessitava e consumia seus produtos.
- k) havia um pequeno intercâmbio de mercadorias feito seasonalmente junto a um castelo ou cidade, sob o controle do senhor; ali trocavam-se quaisquer excedentes produzidos pelos servos ou artesãos do senhor ou dos próprios servos.
porém a falta de uma procura firme não justificava a produção em grande escala de excedentes, por isso, o comércio nunca foi muito intenso e era sempre local.
- l) contribuiam para o não desenvolvimento desse comércio as péssimas condições das estradas e o risco de assalto por bandidos, o pedágio cobrado pelos senhores aos que transportavam mercadorias para esses pequenos mercados.
- m) impedia a marcha do comércio
 - 1) o dinheiro escasseava
 - 2) a variedade de moeda nos diferentes lugares
 - 3) vários sistemas de pesos e medidas.

Século XI

Comércio e Cruzadas

As grandes expedições de conquista da Terra prometida, aos infíbios muçulmanos, levava com os exércitos, mercadores que os acompanhavam afim de fornecer-lhes provisões

Consumo de mercadorias já não mais fabricadas no feudo mas trazidas de outras regiões pelo comércio que se desenvolveu com as cruzadas. (couros, sedas, couidas, drogas, tapetes, especiarias etc.) Com a ampliação comercial temos uma mudança nos conceitos de valor e um novo valor o do dinheiro como nível de fortuna através do comércio surge ao lado da estrutura da riqueza em termos da propriedade de terra.

Com o comércio temos o crescimento das cidades.

Sacerdotes

Guerreiros

Mercadores

O comércio nascente e a nova classe de mercadores sentem a necessidade de mudar os padrões de lei e justiça feudal por novos padrões que atendessem melhor ao dinamismo exigido pela atividade comercial.

Para o comerciante importava a liberdade das terras as quais poderia utilizar quando necessitasse de algum dinheiro como hipoteca para levar ater empréstimos ou necessitar da licença a uma série de proprietários. A nova linguagem falava de tudo aquilo que o senhor feudal desconhecia: letras de câmbio, jurisprudência de negócio, hipotecas etc.

Desenvolvimento do comércio através da concessão de liberdade, ato e formação das associações de classe de mercadores.

Comércio monopolista.

Os privilégios das mercadorias eram estabelecidos pelas associações. Esses privilégios foram conseguidos por influência junto as autoridades ou através dos próprios senhores que se tornavam óticos meios a autoridade.

Riqueza em capital x riqueza em terras

Classe média-

vivendo de uma forma nova

e compra e venda

com o dinheiro a nobreza rica em terras divide o governo com os mercadores ricos em capital

Condição do Homem

Levitt Muñoz

Todas as perguntas feitas pelo homem acerca de sua vida são multiplicadas pelo fenômeno de sua morte, pois o homem parece distinguir-se de todos os outros animais pela consciência que tem de sua própria morte e pela relutância em participar do destino natural de todos os seres vivos.

A consciência da vida individual e da morte como seu fim. Em sua luta contra a morte não raro o homem tem atingido a um máximo de afirmação de vida.

Frequentemente faz da morte o centro de seus mais preciosos esforços. todos os seres vivos são atingidos pela morte. Desses seres é entretanto o homem o único que conseguiu criar da ameaça constante da morte uma vontade de perdurar e do desejo de continuidade e da imortalidade em todas as suas múltiplas e concebíveis formas, uma espécie de vida mais rica de sentido na qual o homem redime a precariedade do indivíduo.

Como sucede com outros organismos também o homem está sujeito a inibições, fixações, estados abuliaicos

Em seu desejo de evitar perigos físicos, pode faltar os erros dos répteis vestidos de carapaca procurando realizar uma ordem social estável, será possivelmente tentado a imitar as formigas que realizaram uma harmonia social completa a custa do cessar de seu desenvolvimento, e seu desejo de uma vida cômoda pode ser que recorra ao parasitismo, e em seu esforço de vencer a dor, pode, deliberadamente, escolher a insensibilidade que é uma morte em vida.

O A Ansia de liberdade no indivíduo tem se caracterizado em querer duas espécies de liberdade

Liberar-se da morte (eternidade)

Liberar-se do trabalho necessário à sua sobrevivência física (interdependência)

Prestígio técnico

Prestígio sópico

Prestígio força - Físico
abstrato - intelectual

As alternativas do consumo

1) uma característica marcante da profissão de designer é estar por um lado diretamente ligado relacionado a um termo-efetivo-na grupo que desempenha papel ativo na organização do país, isto é, um membro integrante da estrutura do poder nacional

Portanto é importante na formação do designer precisar as relações qual deve ser a natureza dessa ligação relação

- a) subordinação
- b) cooperação
- c)

Quais os tipos de relação possível entre dois termos, e quais as características de cada tipo?

levando-se em conta que por outro lado está também relacionado a uma parcela da sociedade que dentro de nossa atual conjuntura política, em sua maioria não tem representação-real-na-estrutura participação real na estrutura de poder.

2) é outra característica definida da profissão de designer a de que ele está colocada-entre-elas, em tese, colocada como elemento de mediação entre dois termos que pertencendo ao mesmo grupo social diferem quanto:

- a) parte-de-participação participação efetiva do poder nacional
- b) formação sociológica
- c) interesses

3) o designer é um termo-operador conectivo lógico - Tabela Verade Verdade, ver Cannabraya, entre uma produção e um consumo em função de um único fator coletivo específico, a sociedade- em função de um interesse coletivo específico (a sociedade)

1) parte - afirmações impersonais, em tese, sobre designer e design

2) parte - perguntas à ESDI - fundamentadas nas afirmações da 1ª parte

3) parte - considerações pessoais (experiência individual) da escola sem

Pela diferença existente entre o grupo que medeia o designer se constitue como síntese de um processo dialético e só como síntese realiza-un-trecoiro-termo-que transcende a antinomia. Portanto-a-relação-existente-entre-os-

A-natureza-da-relação-existente-entre-os-dois-termos-afeta-discretamente Designer e ideologia

Os As três aspectos dimensões da praxis do designer

- a) Praxis-de-participação-e- participação da praxis da produção
- b) participação da praxis do consumo
- c) sua própria praxis

Numa sociedade capitalista as duas primeiras praxis do designer são antinómicas
a sua praxis verdadeira terá que traduzir-se na síntese das duas primeiras.

Praxis de Formação

+

Praxis de Informação

+

Praxis de Comunicação

Praxis

três dimensões da praxis do designer

Razão social da profissão

Razão social da profissão no Brasil?

O reconhecimento social de uma profissão deve se fazer através de sua razão social.

Pode acontecer que a razão social dessa profissão não seja reconhecida imediatamente pela sociedade.

A análise das razões desse não reconhecimento se faz necessária para melhor estruturamento da ação a ser desenvolvida para-no-sentido-desse-re-

Qualquer profissão

O objetivo de qualquer profissão é a integração do indivíduo na sociedade e essa integração só se faz através da razão social da profissão, variando este fator que

Razão-social-de-uma-profissão-está-intinamente-ligada-a-necessidade-social-varia segundo necessidades da sociedade em questão considerada.

Onde

na-sociedade-

Onde-exerceer-a-função-social-da-profissão

II) Qual-área-de-ação Qual o campo de ação onde o profissional poderá realizar a razão social de sua profissão

III) Relações diretas com outras áreas de ação

IV) O que se contrapõe a realização da razão social da profissão? quais as causas desses obstáculos?

V) quais as maneiras de contorná-los?

VI) qual o instrumental prático para o exercício da profissão?

VII) qual o instrumental teórico para o exercício que-fundamenta a profissão

Interdependência e morte são os dois conceitos polares da consciência humana.

O geral e o particular

dois planos existencialmente

Interdependência e morte são os dois conceitos polares da consciência humana

O primeiro é o termo geral e o segundo o particular.

A dimensão

O geral e o particular - a espécie e o indivíduo

O indivíduo existe como

A morte é a única expressão individual possível num sentido restrito do termo.

Existencialmente o indivíduo é uma abstração

Interdependência e morte, o geral e o particular

Interdependência e morte, o geral e o particular são os dois conceitos polares da consciência humana.

O indivíduo apreende

Existencialmente a idéia da morte

O homem apreende

A

Interdependência e morte são os dois conceitos polares da consciência humana.

Porém existencialmente o homem como-apreende-princípio-a-idéia-da-morte de modo

Interdependência e morte são os dois conceitos polares da consciência humana

Intelect

Das poderosas

A consciência-individual-está-intimamente-ligada

Interdependência e morte

Interdependência e morte são os dois polos da consciência humana

Existencialmente o conceito de a interdependência como dado consciente antecede a idéia da morte

Hipóteses de eternidade

A morte é o nôo o indivíduo

A coisa que no homem acaba por tornar-se mais forte que a consciência de sua interdependência existencial é a consciência de sua própria morte

Se-pela-capacidade-de-apreender-a-noção-de-interdependência-e-homem

sobrevive é pela consciência de sua própria morte que ele existe

O que no homem acaba por tornar-se mais forte que a consciência de sua interdependência existencial é a consciência de sua própria morte.

S-pela-noção-morte-que-de-sua-morte-que-o-homem

A espécie como a criança evolui da simples apreensão da interdependência (pré-história) para a consciência de sua própria morte (história)

A história está ligada à consciência individual que o indivíduo tem de sua própria morte

Só aparece história quando aparece o indivíduo consciência individual e o indivíduo só aparece quando apreende a noção de sua própria morte. Os sistemas sociais aparecem com a história, aparecem pois com a noção de indivíduo.

A história dos sistemas sociais, esa dos indivíduos e das relações que criaram entre eles está intimamente ligada à ideia da morte.
Vida-Morte-ésser-indivíduo-consciência-e-Através-da-análise-de-existe-e-fim

A consciência individual é uma criação da espécie

A consciência individual é

A história da espécie aparece com a consciência do indivíduo de sua própria morte.

A espécie evoluiu da simples apreensão da morte para a simples apreensão da interdependência (pré-história) do ser individual para o ser coletivo

A vida evoluiu para a simples apreensão da morte, a simples apreensão da morte evolui para a simples

A espécie humana da simples apreensão da vida

A vida evoluiu para a simples apreensão da morte, da simples apreensão da morte para a simples apreensão do ser individual, para a simples apreensão da morte individual, da simples apreensão da morte individual para a simples apreensão da interdependência, da simples apreensão da interdependência para a simples apreensão do ser coletivo (pré-história) da simples apreensão do ser coletivo para a consciência do ser social, da consciência do ser social para a consciência social de indivíduo e da consciência social de indivíduo para a consciência de sua morte social, da consciência de sua interdependência social para a consciência de ser social

A criança nasce-

- 1) não tem consciência da morte
- 2) apreende a noção de interdependência, através dos recursos de que é dotada fisiologicamente, que lhe permitem expressar suas necessidades e ser atendida
- 3) a criança expressa necessidades, ao expressá-las apreende os efeitos causados por sua expressão
- 4)

Cronologicamente a interdependência antecede a noção de interdependência antecede como dado consciente a noção da morte

Como fato existencial

Cronológico

A noção de interdependência antecede no indivíduo

Na história do indivíduo a noção de interdependência antecede como dado concreto a noção de sua morte.

A simples apreensão da noção de interdependência é a base do processo de aprendizado, na formação do conhecimento e do desenvolvimento da inteligência.

Na base da história da humanidade

Na base da história da humanidade encontramos uma emoção e uma expressão, o choro e o medo da morte

Dois fatos se encontram

Na base da história humana encontramos dois fatos o choro e o medo da morte

Da interdependência desta consciência com esta capacidade, como consequência de um processo de comunicação

Na base da história humana encontramos dois fatos o choro e o medo da m

Afirmação da vida

vontade de perdurar

desejo de continuidade

a vontade de perdurar é uma criação individual

é esse desejo é desse desejo que tem o indivíduo de se imortalizar que nasce um sentido da vida

A capacidade de dominar não só as demais espécies como os indivíduos da mesma espécie.

Entre os animais irracionais podemos constatar exemplos de dominação mas o substrato dessa dominação é a força física.

O homem é o homem distingue-se dos outros animais pela sua capacidade de exercer uma dominação através além de dominação de força-típica dominação abstrata-a-

através da força física uma dominação abstrata através de símbolos

No processo em que se forma

Na capacidade de apreender esta noção encontramos um dos fatores básicos do processo de aprendizado, da formação de conhecimentos e do desenvolvimento da inteligência.

No processo em que se forma a consciência individual, a noção de interdependência antecede a noção da morte

A noção de interdependência é uma-das-noções-fundamentais-

A noção de interdependência é fundamental no processo em que se forma a consciência individual, e é básica no processo de aprendizado, na formação de conhecimentos e no desenvolvimento da inteligência

A noção de interdependência é fundamental no processo em que se forma a consciência do indivíduo

Na capacidade de apreender esta noção encontramos um dos fatores básicos do aprendizado, da formação de conhecimentos e do desenvolvimento da inteligência.

A consciência da morte no adulto e a capacidade da criança de apreender a noção de interdependência são as molas da preservação da espécie.

A natureza determina a criança de um modo de expressão

e individual de um modo de expressão o chama

Deste modo os estados animais fatores se encontram na base da

história da humanidade, o modo de morte e o chama e o modo da morte

Pelo chama a criança o novo indivíduo comunica-se com a criança

comunica ao adulto

Na história da individual a noção de interdependência antecede como dado consciente à noção de morte.

A simples apreensão da noção de interdependência está na base do seu processo de aprendizado, na sua formação de conhecimentos e de sua inteligência.

Não poderíamos dizer que uma criança recém-nascida tem o modo de morte embora desde seu nascimento esteja relacionada com ela

Na história da consciência individual a noção de interdependência antecede a noção da morte.

A simples apreensão da noção de interdependência é a base do aprendizado, da formação de conhecimentos e do desenvolvimento da inteligência.

Sa formação da sua consciência individual

No processo em que se forma a consciência individual a noção de interdependência antecede a noção da morte

A simples apreensão da noção de interdependência está na base do poderíamos chamar de primeira expressão de inteligência.

A expressão desta noção é a base do aprendizado, da formação de conhecimentos e do desenvolvimento da inteligência.

Na capacidade de apreender esta noção encontramos um dos fatores

No seu lugar eu me sentiria desesperado

No seu lugar eu me sentiria envergonhado

Consciência social é consciência da morte como dado individual e consciência do mundo como criança humana

Consciência social é

A consciência social é consciência do mundo como criação humana.

Como tal não é um dado de natureza abstrata, essencial, apriorística.

A consciência social é histórica e representativa do estágio de conquista atingido pelo homem em suas relações com o mundo físico.

A consciência social é dinâmica

Consciência social é consciência do trabalho humano.

A consciência do individual inclui-se como uma das realizações da espécie.

Consciência social é consciência

Consciência da morte e consciência do mundo

Uma criança não tem

A consciência da morte.

Você pode dizer q a uma criança só i

ão invés de dizer a uma criança

Quando a criança se

A noção de interdependência é

realizar a própria morte exige um grau de abstração a

A noção de própria morte exige um grau de abstração

é um fato importante a considerar que a ~~ideia~~-da-própria-morte a possibilidade de realmente conceder a ideia da própria morte corresponderá no ser humano a um alto grau de abstração.

é importante pois favorece a formação de uma consciência individual como dado importante na preservação da espécie e na formação de seu potencial de renovação.

é importante considerar também que a formação da consciência individual faz-se através da apreensão da noção de interdependência, ou seja, o individual faz-se consciência no social embora este

O ser humano evolui de um social para um individual, da noção de interdependência para a consciência de sua própria vida e desta para a consciência de sua morte.

Pela consciência particular da morte o indivíduo volta do individual ao social

A maneira como volta do individual ao social, isto é, a maneira como volta da morte para a vida

O social é O ser humano evolui de um social para um individual, da noção de interdependência existencial para a consciência de sua própria vida e desta para a consciência de sua morte.

Pela consciência particular da morte o indivíduo volta do individual ao social

A maneira como volta do individual ao social, isto é, a maneira como volta da morte para a vida é o que denominamos ~~a-existência-sua-vida~~ ou ~~a-individuo-social~~ vida social, cujos fundamentos são o ser individual e o ser social básico onde este último forma sua consciência individual.

Vários indivíduos voltaram de várias maneiras, determinando um precipitado que é a síntese representativa de todos os sociais básicos, com todos os eixos individuais resultantes, sem ser representativo de nenhum social básico ou volta particular.

Esse precipitado é um social geral cuja resultante é herança comum de todos os homens e representa a história do trabalho humano, de cuja herança participa por direito todo o gênero humano.

Passado - realizações humanas até seu estágio atual. (patrimônio comum de toda a espécie)

Presente - participação de todo o gênero humano nesse patrimônio de realizações hum

Futuro - participação Possibilidades de realização contidas no atual estágio de desenvolvimento da humanidade

ESDI - Uma Escola de Desenho Industrial no Brasil

Uma Escola - Um sistema social

Como sistema social é consequência da interdependência de objetivos individuais.

A partir disto podemos afirmar que exceto o pessoal do corpo administrativo, exclusão feita à diretoria, todas as pessoas que estão na ESDI se estão pela necessidade de atingir objetivos individuais, e pela impossibilidade de atingi-los sózinhos.

A aceitação, e o reconhecimento dessa interdependência, membro a membro determina a natureza do comportamento de cada um.

Tomemos, por exemplo, dois conceitos desse sistema social:

Aluno e professor, e façamos abstração de todo significado tradicionalmente aceito para os mesmos. Considerando-se apenas como dois elementos de um processo de comunicação.

O que se pode afirmar é que os dois conceitos são existencialmente interdependentes, isto é, a existência de um é função da existência do outro, quando considerados simplesmente, como dois elementos de um processo de comunicação, podemos tecer considerações sobre a maneira como se relacionam, que exclue qualquer consideração a priori de natureza essencialista.

Há os que entendem aluno e professor como conceitos entre os quais existe uma relação de dependência de caráter essencial, abstrato e apriorístico.

Essa maneira de entender faz da educação uma simples transmissão de conhecimentos, dando-lhe um caráter mais doutrinário, que científico. De natureza conservadora age como força de acomodação aos padrões habituais.

ESDI - Uma Escola de Desenho Industrial no Brasil

ESDI - Uma Escola - Um Sistema Social

Como Sistema Social é consequência da interdependência de objetivos individuais.

A partir disto, podemos afirmar que exceto o pessoal do corpo administrativo, exclusão feita à diretoria, todas as pessoas que estão na ESDI se estão pela necessidade de atingir objetivos individuais e pela impossibilidade de atingi-los sózinhos.

A aceitação e o reconhecimento dessa dependência membro a membro determina a natureza do comportamento de cada um.

Tomemos por exemplo duas unidades sociais desse sistema, aluno e professor, fazendo abstração de todo significado, tradicionalmente aceito para as mesmas, considerando-as apenas, como dois elementos de um processo de comunicação, no caso como receptor e fonte.

Considerados dessa maneira, esses significados costumam não explicar satisfatoriamente as relações existentes entre estas duas unidades.

Tradicionalmente, professor e aluno, são considerados como princípios distintos, entre os quais existe uma relação de dependência de caráter

essencial,abstrato e apriorístico,reflexo de uma concepção do mundo dividido em coisas e processos.

Considerados como elementos de um processo de comunicação,fonte e receptor, professor e aluno, são conceitos interdependentes existencialmente.

Na primeira assertão,em que se admite entre professor e aluno uma relação de dependência não podemos dizer

ESDI - Uma Escola de Desenho Industrial no Brasil

ESSI - Um Sistema Social

Como Sistema Social é consequência da interdependência de objetivos individuais.

A maneira de reconhecer e aceitar essa interdependência é que determina a natureza da conduta de cada membro do sistema. Tomemos por exemplo duas unidades sociais desse sistema,aluno e professor,fazendo abstração de todo significado tradicionalmente aceito para as mesmas, considerando-as apenas como dois elementos de um processo de comunicação,no caso receptor e fonte.

Considerando assim aluno e professor,nossos significados costumeiros não explicam satisfatoriamente as relações existente entre estas duas unidades.

Tradicionalmente aluno e professor são considerados como princípios distintos,entre os quais existe uma relação de dependência de caráter essencial,abstrato e apriorístico,reflexo de uma concepção do mundo dividido em coisas e processos.

Considerados como elementos de um processo de comunicação,fonte e receptor,professor e aluno,são conceitos didáticos,ou seja,interdependentes existencialmente.

Na primeira assertão em que se admite entre professor e aluno uma relação de dependência não podemos dizer que exista entre elas ação comunicativa pois falta uma dimensão de interdependência que é condição necessária para que se possa falar em processo de comunicação.

A característica de uma relação de dependência não recíproca é a parcialidade. Aceitando-se entre os dois conceitos,professor e aluno uma relação de dependência estamos admitindo que o primeiro afeta o segundo mas não é afetado por ele.

Ou ainda estamos afirmando que para que existam alunos é necessário que existam professores mas a existência destes independe da existência daqueles. Isto é admitir um princípio pré-existente

ESDI - Uma Escola de Desenho Industrial no Brasil

ESDI - Sistema Social

Como Sistema Social é consequência da interdependência de objetivos individuais, prova da insuficiência do homem de por si só atingir seus objetivos.

Pela maneira como tem entendido e resolvido esse dado básico da existência o homem vem criando sua história num processo irreversível que evolui para a consciência universal dessa interdependência e para a sua aceitação incondicional como definidora da essência humana.

O homem e a morte

Interdependência existencial e morte são os dois pôlos da consciência humana. A noção de interdependência é fundamental no processo em que se forma a consciência do indivíduo.

No capacidade de aprender a noção de interdependência encontramos um dos fatores básicos do aprendizado, da formação de conhecimentos e do desenvolvimento da inteligência.

A interdependência da consciência da morte no adulto com a capacidade da criança de aprender a noção de interdependência, a espécie humana sobreviveu e evoluiu.

A morte e o indivíduo

O ser humano evolui de um social para um individual, da noção de interdependência para a consciência de sua própria vida, e desta para a consciência de sua morte.

Pela consciência de sua morte o ser humano volta do individual ao social, ao passar da consciência de ser individual à consciência de ser interdependente ou social.

No realizar a volta desde a consciência de sua morte até sua morte física o ser humano realiza sua vida social como indivíduo social, cujos fundamentos são o ser individual e o social básico onde este foriou sua consciência individual.

EADI - Uma Escola de Desenho Industrial no Brasil

EADI - Um sistema social

Como sistema social é consequência da interdependência de objetivos individuais, prova da insuficiência do homem para por si só obter o que deseja.

Pela maneira como tem entendido e resolvido esse dado básico da existência, o homem vem criando sua história, num processo irreversível que evolue para a consciência universal dessa interdependência, e para sua aceitação incondicional como definidora da sua essência humana.

O homem e a morte

A única coisa que no homem é mais forte que a consciência de sua interdependência existencial é a consciência de sua própria morte.

Por temer à morte, o homem pode chegar a negar ou aceitar condicionalmente essa interdependência definidora de sua essência humana, preferir do fazer de si mesmo, um conceito, e tomar essa abstração como vida pensando de sujeito a objeto de si mesmo.

Só se sente seguro em seu mundo estético de abstrações, onde solitário permanece ilusoriamente eterno.

O homem horrorizado com a idéia da própria morte, chega paradoxalmente a um horror pela vida, pois vida é mudança, é momento, (é a vida) e a visão do que se move lhe traz a idéia da morte, por isso, investe contra o processo vital.

Ao investir contra a vida pelo horror à morte, o homem mata, mas para ele esta ação não representa a morte, pois a morte do outro, é abstrata, e a morte do outro é abstrata porque para ele, a vida do outro é uma abstração, e para ele, a vida do outro é uma abstração, porque sua própria vida é uma abstração.

Portanto, paradoxalmente o homem que por horror à morte, estabelece com o outro, uma relação abstrata está mais sujeito a ser morto por esse outro para quem torna-se também uma abstração.

Esse fato, vem provar, ainda que negativamente, que a interdependência é o fato básico da existência humana.

A síntese humana

A história da humanidade é a história da vida e da morte, em que o indivíduo é a tese, a morte é a antítese, e a espécie humana é a síntese.

A história da Vida e da Morte é a história do indivíduo e dos atos individuais.

A história da espécie é a história das relações entre os indivíduos e seus atos.

A história da espécie, é a história da Comunicação, e a história da comunicação é a história da interdependência.

A História da espécie é a história é a história da (interdependência) da Comunicação, isto é, é a história da Interdependência, história dos fatos, resultado da relação de dependência recíproca entre os indivíduos e seus atos. (A História da espécie é a história do trabalho)

ECDI Uma Escola de Desenho Industrial no Brasil
Desenho Industrial no Brasil (duas feições)
1º sua feição institucionalizada - ECDI
2º sua feição de (movimento-socie) reflexo de um movimento social
A Revolução Industrial - Industrialismo

Como reflexo de um movimento social - duas feições
1º sua feição geral (interação das várias configurações)

2º suas feições particulares (no Brasil)

Considerando em sua natureza de reflexo de um movimento social o desenho industrial é um fato que se opõe à institucionalização do D.I. como fato social

Essa oposição tem duas feições

1º sua feição geral (interações das feições particulares)

2º suas feições particulares (movimento social considerado em um determinado contexto específico)

Há uma dimensão de desenho industrial como movimento social que por sua natureza se opõe a desenho industrial enquanto instituição.

ESCOLA | de|

DESENHO INDUSTRIAL | no|

BRASIL

Instituição-conjunto de indivíduos com uma finalidade comum, com estabilidade e organização permanente. Suas características são: a fixidez, a continuidade, sua natureza conservadora

Movimento social
Fato oposto às instituições (revolução, guerra, ajustamentos) caracteriza-se pela mudança constante em sua vida efêmera

Realidade histórica
duas feições
1º institucionalizada
2º sequência de movimentos sociais

Desenho Industrial no Brasil (duas feições)

1º sua feição institucionalizada (ECDI)

2º sua feição de (movimento-socie) movimento social

como movimento social o desenho industrial é um fato que por sua natureza opõe-se à institucionalização

Quando o desenho industrial se institucionaliza?

ESCOLA

de

DESENHO INDUSTRIAL no
movimento social
caracteriza-se por
ser um fato social
oposto às instituições (revolução,
guerra, ajustamento)
caracteriza-se pela
mudança constante em sua vida
efêmera

BRASIL

Instituição
é um conjunto de
indivíduos com uma
finalidade comum,
com estabilidade e
organização permanente, suas características são: a fixidez
a continuidade, sua
natureza conservadora

Duas posições dentro do Desenho Industrial

Qu-segue-se-disentindo-a-que-desenvolve-a-linha-de-considerações-do-
grape-

ESDI - Uma Escola de Desenho Industrial no Brasil
Uma Escola [de] Desenho Industrial [no] Brasil

ESCOLA

Uma Instituição
Um dos "mores" cujos
atos, preceitos e o
parlamento se tor-
naram mais especifi-
cos e definidos; en-
volve:

- 1) um conceito (idéia
dogma, interesse)
- 2) uma estrutura de
rituais e funcionali-
dades para caracteri-
zá-lo há dois tipos:
a) espontânea
b) criada, formas es-

DESENHO INDUSTRIAL

Reflexo de um movimento
Social-Revolução Indus-
trial-Industrialismo
Movimento Social:
Comportamento coletivo
é procura de uma nova
maneira de viver; origi-
na-se num período de
inquietação social e se
organiza pela adesão de
um objetivo comum; o
princípio se manifesta
através dos mais simples
tipos de comportamento
coletivo assumindo per-
gradativamente uma orga-
nização societária (con-
costumes e tradições,
líderes reconhecidos,
divisão de trabalho,
valores sociais)
ex. Movimento em prol da
temperança no EUA e o
movimento nazista na
Alemanha

O D.I. surge do impacto
causado pela industriali-
zação num determinado
grupo social.

é uma feição desse movi-
mento.

é uma resultante espe-
cífica que se desenvolve
até atingir o estágio de
instituição.

O Industrialismo como
causa tem sua evolução
própria até atingir o
estágio de instituição.
A evolução do D.I. como
resultante tem que seguir
esta evolução.

BRASIL

Realidade histórica
2 feições

- a) feição institucio-
nalizada, fruto de
movimentos sociais
que é constituíram
como nação
- b) movimentos sociais
atuais, ligados ao
Industrialismo com
como movimento so-
cial global e suas
implicações com as
categorias da
Nação desenvolvida
ou subdesenvolvida

Dois posicionamentos dentro do Desenho Industrial

~~Esgotamento do desenho industrial
e que desenvolve a tinta de
considerações de grupos~~

a que desenvolve a herança do
impacto que a industrialização
causou em certos homens de
certas sociedades
e defendem as diversas posições
tomadas

a que se coloca dentro da evolução
do industrialismo acompanhando
as suas modificações e segundo
na forma todas as consequências
desse movimento social

**Os que discutem a industrialização
como fato**

**Os que se colocam dentro da
industrialização**

O ensino como um sistema orgânico, auto-regulável, em que as soluções que os alunos apresentam aos problemas propostos servem de indicadores de suas necessidades, orientando os responsáveis pela direção da aprendizagem na caracterização das áreas de estrangulamento. Uma vez configuradas essas áreas de estrangulamento far-se-á um reajuste no planejamento a fim de que este vá de encontro às necessidades caracterizadas, dando aos alunos um subsídio instrumental para melhor abordar os problemas a resolvê-los. Haverá pois uma parte do currículo necessariamente flexível para que possa atender as deficiências de conhecimento e de habilidades técnicas necessárias ao plano do curso. A parte teórica específica do curso deverá estar intimamente relacionada com as proposições práticas para que o aluno encontre por conta própria meios para formular e reformular suas soluções aos problemas, evitando-se assim a prática negativa do julgamento que condiciona o aluno à crítica externa ao invés de torná-lo independente pela consciência dos princípios em que fundamentou sua solução. Conforme conceitos teóricos científicos e dados técnicos corretos, que aumentarão as probabilidades de uma solução mais racional. numa estrutura em que haja entrosamento entre o plano teórico e prático o aluno tem oportunidade de descobrir essa relação, realizando a síntese teórico-prática da profissão. Pela realização dessa síntese o aluno é menos vulnerável à crítica externa pois é mais independente, pela consciência dos princípios em que fundamentou sua solução. Desta forma a discussão da solução não se faz mais no plano do objeto mas no plano do raciocínio lógico, onde o que se discute é a validade dos princípios utilizados, da relação existente entre os princípios e a solução, e da relação entre a solução e os objetivos estabelecidos. Torna-se desnecessário o julgamento direto se for dado ao aluno a possibilidade de descobrir num plano teórico feito para suprir suas necessidades que o farão desenvolver um senso de autocrítica em relação aos próprios trabalhos.

Processos dedutivos - Marcha do

Demonstração, esquema ou sinopse, repetição, diagrama

Síntese - partir das partes para o todo

Demonstração - da apresentação de fatos conhecidos chegar a afirmar verdades até então desconhecidas

Esquema - Plano

Esquema - resumo do trabalho a ser feito

Sinopse - resumo de um assunto, aula ou conferência já desenvolvidas

Aceitar perguntas - anotando-as para respostas na aula seguinte, relacionadas ao assunto exposto.

Discussão ou debate Proposição de um problema
método tradicional de aula - exposição, demonstração, interrogatório

Método Dedutivo - do geral para o particular, toma-se uma verdade geral conhecida, aceita, e daí tira-se conclusões particulares

A é B

B é C

Logo A é C (silogismo)

Indutivo - do particular para o geral. Análise de fatos particulares, compara-os, estuda-os, um ao lado do outro e daí formula em princípio genérico, uma lei.

Exemplo: o ferro é pesado, o níquel é pesado, o ouro é pesado - todos os metais são pesados - o metal é pesado

Processo de ensino - são os meios através dos quais realizamos um método

Processos indutivos - observação, intuição, análise, exemplificação

Análise - decomposição de um todo em suas partes constituintes

Intuição - partindo do conhecimento real, direto, imediato das coisas (conhecimento concreto) procura-se atingir as relações, as causas, a compreensão das fenômenos

Observação - partindo da utilização dos sentidos

Exemplificação - dar exemplos dos princípios, regras, fatos citados

Marcha do processo - marcha da aula

Observação, análise, comparações, indução ou conclusão.

Em vez de enunciar leis - oferecer fatos à observação

Método - com intervenção (dogmático) x participação sem intervenção (curístico)

Apresentar a aula como um produto - mostrando que cada pessoa presente na adoção do papel de aluno, dentro de uma situação suposta é simplesmente um membro da equipe

Procurar mostrar que a própria informação de como a pessoa está se sentindo deve ser considerada como uma contribuição para uma possível renovação da escola

Fazer com que cada um se sinta como um experimentador.

Levar cada um a comparar seu comportamento circunstancial com seu comportamento tradicional

Mostrar que é importante para cada um

Ideologia

B - num sentido pejorativo, análise ou discussão estéril de idéias abstratas que não correspondem aos fatos reais

D - pensamento teórico que se acredita que se desenvolve abstratamente sobre seus problemas dados, mas que é na realidade a expressão de fatos sociais, particularmente de fatos econômicos dos quais quem os construiu não tem consciência ou pelo menos dos quais ele não se tem conta que eles determinam seus pensamentos

Dicionário Filosófico - (Vocabulaire de la Philosophie) André Lalande

A atitude do professor deve estar de acordo com o nível de desenvolvimento social atingido pelos alunos.

Onde quer que se encontre um grupo que tolere dúvida e discussão sobre os "mores" (costumes) pode-se ter certeza absoluta de que este grupo está em estado de desintegração. Esta tolerância indica claramente que as antigas formas de associação, as antigas regulamentações de comportamento estão cedendo, e novas formas de associação, novas regulamentações de comportamento estão surgindo. A vida social está sendo plasmada num novo molde. Aumenta a mudança social.

Em certo sentido é correto dizer que o verdadeiro centro da vida grupal sei "coração" por assim dizer, sua vitalidade, repousa nos "mores".

Porque os "mores" quando mantidos inalterados, asseguram a unidade grupal. Garantem relações ordenadas entre os membros do grupo, porque é buscado-se nos mores que as pessoas vivem juntas sem precisar continuamente refletir e tomar decisões a respeito de suas relações reciprocas.

Os mores são considerados como já disse tão naturais quanto os raios de sol; numa sociedade estável todos acreditam nôlos. Consequentemente seguindo-os pode-se diminuir a perturbação da vida pessoal e social.

1) a aceitação da competência profissional como critério de autoridade para o exercício do magistério.

a) coexistência de dois conceitos de professor

o tradicional : (Canabrava, Bonifácio, Jorge Barbosa)

o não tradicional: (Francheschi, Goebel, Wollner, Bergmiller, Aloisio, Décio etc.)

2) a forma não tradicional de admissão

3)

Integração - capítulo I

Todo traço cultural, mesmo o mais simples dos objetos ou das técnicas manufatureiras é na realidade um complexo de elementos incluindo várias associações e idéias e respeito da maneira pela qual deve ser empregado.

Desse complexo a sociedade receptora só pode ter consciência da parte que lhe pode ser apresentada por meio de atos concretos ou por meio de verbalização.

a) Qual a constelação de idéias e atividades que se incorporam à idéia de desenho industrial?

b) Qual a parte desse complexo está sendo apresentada aos alunos da escola?

- 1) através de atos concretos
- 2) através de verbalizações

Em seu novo ambiente cultural o centro desse complexo de empréstimo torna-se o núcleo de um novo complexo de associações e usos; por outras palavras, a sociedade receptora desenvolve para si novas interpretações, moldando-o para servir a novas finalidades.

a) O currículum da escola é um currículum adaptado?

Levando-se em conta que os elementos culturais são condicionamentos psicológicos profundamente assentados abaixo do nível dos padrões não podendo sua presença ou função serem adequadamente explicados sobre bases físicas ou social

1) características ambientais

paralelo entre os países de origem do desenho industrial em onde o desenho industrial seja uma realidade e o Brasil
Considerações:

Dimensão territorial, população, grau de integração cultural.

Situação do Brasil na época em que o desenho industrial surge na Europa

Situação atual do Brasil em relação aos países europeus e os EUA em que o D.I. é uma realidade.

1) Características ambientais (atuais)

- a) estrutura social
- b) estrutura econômica
- c) estrutura política

Considerações sobre a extensão territorial

Desenho Industrial é um fenômeno local?

Qual a distribuição dos produtos industrializados?

Pode o desenho industrial ser feito em termos "universais"?

Estariam as indústrias nacionais dispostas a correr o risco implícito na idéia de desenho industrial, pressionados como são por um regimen de concorrência, considerando-se o regimen de consumo prescrito, determinado por interesses particulares, e orientado por tócia uma técnica cada vez mais aperfeiçoada de persuasão?
A aceitação do desenho industrial implica na aceitação de uma nova feição do consumo, ou seja, um consumo racional, de uma produção racional

As alternativas do consumo

1) uma característica marcante da profissão de designer é estar por um lado diretamente ligado relacionado a um terceiro efetivo no grupo que desempenha papel ativo na organização do país. isto é, um membro integrante da estrutura do poder nacional
Portanto é importante na formação do designer precisar as relações qual deve ser a natureza dessa relação

- a) subordinação
- b) cooperação
- c)

Quais os tipos de relação possível entre dois termos e quais as características de cada tipo?

levando-se em conta que por outro lado está também relacionado a uma parcela da sociedade que dentro de nossa atual conjuntura política, em sua maioria não tem representação real na estrutura participativa real na estrutura do poder.

2) É outra característica definida da profissão do designer a de que ele está colocado como elemento, em tese, colocado como elemento de mediação entre dois termos que pertencendo ao mesmo grupo social diferem quanto:

- a) participação efetiva do poder nacional
- b) formação sociológica
- c) interesses

Como ter a ESDI

"Qual tem sido o objetivo da comunicação"

Em relação ao objetivo da comunicação a escola, sobretudo na parte prática do aprendizado tem se concentrado na mensagem e não no comportamento.

Do processo comunicativo eram excluídos quaisquer objetivos persuasivos

O objetivo da comunicação deveria se fazer num nível informativo, ou seja em termos de comportamento, o que se exigia era um eix exclusivo apelo à mente.

Entretanto, esta mesma exigência, definia a forma como a fonte via o objetivo da comunicação: isto é, estabelecendo uma diferença entre informar e persuadir.

Objetivos da Comunicação

Consideremos a escola como um processo de comunicação e tentemos descobrir através da análise do seu comportamento como tem sido encarado o objetivo dessa comunicação.

O ensino prático caracteriza-se por um combate sistemático a qualquer referência a propriedades expressivas ou afetivas.

Todo treinamento é feito no sentido da argumentação, ou seja um apelo à mente, usando provas racionais e argumentos lógicos.

Expressivo é o necessário, ou seja: coerência entre o a princípio formalizadores, entre- adequação entre partes e todo, entre forma e fisiologia, harmonia entre forma e processos de produção.

Deste comportamento restritivo, despreendemos que o objetivo da comunicação é entendido como

Consideremos a escola como um processo de comunicação e tentemos descobrir através da análise do seu comportamento como tem sido encarado o objetivo dessa comunicação, o aprendizado do D.I. e C.V., sobretudo na parte prática do aprendizado o objetivo da comunicação tem se caracterizado

O desconhecimento por parte do grupo da base comum de-conhecimentos-- A falta de um programa objetivo de admissão dificulta o processo de comunicação entre os membros do grupo por-nas-têm-uma-base-de-predicções-de-comportamento

A falta de um programa objetivo de admissão como base- uma referência básica de-predicções-de-comportamento-para-uma-possível-predição-de-comportamento-

A-falta-de-um-programa-objetivo-de-

dificulta um processo de comunicação-entre-ou-entre interação

dificultando objetivo entre os membros do grupo.

dificulta assim impossibilita um processo objetivo de interação entre os membros do grupo.

No começo tudo ia muito bem, cada um ouvia os motivos de outro e muito disfarçadamente fingia que estava acreditando em tudo o que ele estava dizendo, mas a intenção era simplesmente reforçar o partido de seus próprios motivos. Diga-se de passagem que esta atitude era até muito inteligente, mas foi muitas vezes confundida com falta de caráter por quem a exibia

Afinal de contas ninguém se conhecia. Todos se sentiam igualmente inteligentes e gentes- geniais, posto que tinham sido classificados e passado pelo terrível teste de seleção, eram todos mais ou menos mágicos.

E o conselho de mágicos não estava presente para dizer qual deles era o melhor mágico.

Aliás, diga-se de passagem que é uma boa estratégia esta. Imagine-se que eles declararam quais foram os melhores mágicos.

Consequências.

- 1) Eles mesmos, os grandes mágicos, perdem uma parte de seu prestígio e mistério, porque indicar os melhores no exame de seleção é reconhecer uma maior proximidade.
- 2) Os aprendizes de mágicos não brigariam entre si
- 3) Com isso os grandes mágicos mantêm a curiosidade e a observância dos maguinhos, que ficam todo o tempo sondando para ver se descobrem quem foi o melhor.
E, durante muito tempo, cada sorriso de um grande mágico deixa qualquer maguinho sussurrando de que aquele sinal é revelador.

Passe-se a Escola a exercer uma ação marginal ao grupo, visto que, não se impunham uma posição dentro do mesmo

2) A estrutura cujos elementos iniciaram uma

O estudante, como qualquer cidadão, vive uma realidade político-social e por ela é afetado em seu comportamento, seja ou não consciente disso. Cada aluno que entra numa sala da aula leva consigo um repertório de informações extra escolar que transformam cada dia num continuum de indagações e uma exigência de resposta que não pode ser escondida. Para que a Escola exerça sua função social é basicamente necessário que para exercer sua função social é basicamente necessário que a Escola atenda essa exigência, seja orientando para a resposta, seja engajando-se nas questões para as quais ainda não se tenha uma resposta conhecida, ou ainda discutindo as questões para as quais se tenha várias respostas; nesse caso é seu dever promover a análise de cada uma das alternativas, compará-las, e optar por aquela que no momento se-consenso-geral-deja-satisfeita-a-exigência-com-o-bem-estar-momentaneamente seja mais válida no consenso geral.
E fugir a sua responsabilidade social, emitir-se à essas indagações ou respondê-las faticosamente.

Para exercer sua função social específica, ação educativa sistemática, é basicamente necessário que a Escola não se omita à essas indagações e que suas respostas não sejam faticosas.

Pode à sua responsabilidade social a Escola quando: omitti-se à essas indagações ou dá respostas faticosas.

é um fato biológico que o homem sente certas necessidades; a satisfação que as satisfações que as concede é um feito social ou cultural.

O ponto de vista moderno é que a conduta humana não pode ser descrita puramente em termos de satisfação ou frustração dos impulsos biológicos, porque a vida social gera certas necessidades que podem ser tão poderosas ou maiores que simplesmente biológicas.

No verdadeiro plano de trabalho aqui proposto o que interessa não é caracterizar a natureza de uma necessidade, mas mostrar a estrutura de qualquer necessidade e figurá-la como elemento componente da motivação, e como tal, presente no comportamento. A caracterização da necessidade seria problema específico de outras ciências como Antropologia, Biologia etc.

Na psicologia tirariam o conceito de necessidades e suas consequências comportamentais.

Não seria de interesse imediato investigar quais necessidades estão exigindo satisfação imediata, mas sim caracterizar a situação como reveladora da existência de necessidades.

Inicialmente o trabalho consistiria em conscientizar uma situação de necessidade, isto é necessidade de afastar, diminuir ou corrigir determinada situação, com referência não a um plano individual mas em um plano de necessidades específicas em relações individuais, instituídas para a consecução de um determinado objetivo.

Que desejava que ocorresse em resultado de sua mensagem?
Que procurava conseguir em termos de influenciar seu ambiente?
Em consequência de sua comunicação, que pretendia que os outros
aceitassem, que pudessem fazer, que dissessem
Que resposta procurava obter?

que os alunos não aceitassem passivamente, sem discutir, as razões de
ordem, julgos.

Que aprendesse a exigir coerência entre julgos e comportamentos.
Que os alunos de um modo geral adotassem como atitude mental uma
atitude de crítica e de autocritica.

~~Entendendo-se-aqui-por-autocritica-uma-permanente-atitude-de-~~
~~revisão-de-valores-tradicionais-~~

~~Que-entendesse-uma-crítica-de-autoridade-ligado-não-a-valores~~
~~funsos-sociais-que-o-padrão-que-a-utilidade-social-de-uma-determinada~~
~~que-não~~

~~que-se-interessasse-em-discutir-~~

Que as indignações, as acusações e exigências que fazem repercutir
estão fundamentadas em julgos de valor, que
Que aceitassem discutir em dogmatismo esses valores julgados-contrariando
esse-próprio e exigindo como princípio a fundamentação de
sus opiniões em critérios racionais.

Entendo a discussão num plano civilizado até uma conclusão

Que cada aluno um saisse de seu isolamento e permitisse discussão e
se pusse em discussão num esforço

Que aprendesse a -

Que cada um se pusse em discussão -

que se admitisse livremente e livremente e estabelecendo -
dizer

que cada aluno entendesse que não p

Que cada aluno entendesse que seu papel não é repetir o professor,
mas discutir com ele.

Que se chegasse a uma unidade de ação que obrigasse a definição de
coisas indefinidas

Que se tivesse visão essencialmente individualista

Que os alunos criticas exijam

que os alunos se negassem a aceitar

Que existe uma forma de realização individual mais completa, que é
aquele em que o indivíduo adquire prestígio e apreço social.

Que os alunos aprendesse a exigir que a escola participasse de seus
problemas reais, e que aprendesse a não aceitar conciliações nem
imposições arbitrárias de autoridade.

Que aprendesse a exigir da escola uma definição de sua maneira de
entender o desenho et industrial, de qual a sua posição

Que aprendesse a organizar um esquema de pressão.

Prescrever fórmulas para serem rígidamente seguidas pelo estudante impede seu desenvolvimento e produz uma aprendizagem inferior. Um programa de ensino assim organizado supõe que cada situação nova a ser enfrentada pelo futuro profissional não será mais que mera repetição de situações anteriores, enfrentadas na escola. As futuras situações de prática profissional serão diferentes daquelas que o aluno enfrenta durante o período de formação, por isso, as condições de prática escolar deverão ser equivalentes a situações reais a fim de que o estudante adquira gradativamente uma capacidade de trabalho independente, e um método pessoal de trabalho, aumentando suas possibilidades de êxito profissional.

A prática escolar como experiência profissional demonstra os fundamentos teóricos da profissão, tendo em vista as condições do mercado de trabalho a que se dirige o estudante, diferenciando-se assim de uma prática escolar artificial. Pode ser definida como uma experiência direta de aprendizagem durante a qual o aluno se torna consciente da realidade da profissão.

Nesse ponto cabe notar que demonstrar a aplicação de uma teoria exige um alto grau de criatividade, tanto por parte do professor como por parte do aluno.

Numa prática escolar como experiência profissional o aluno é considerado como um profissional-aprendiz, ressaltando-se aqui a diferença existente entre as designações profissional-aprendiz e aprendiz de profissional.

As atividades e experiências incluídas num programa de prática escolar como experiência profissional devem ser cuidadosamente escolhidas, proposições de caráter marcadamente profissional, selecionadas tendo em vista seu grau de complexidade, considerando-se a inexperiência do profissional-aprendiz.

Variabilidade e flexibilidade se inserem na programação dessas atividades, tomando como referência os interesses particulares demonstrados pelos alunos, deste maneira atende-se não só às diferenças individuais como a multiplicidade de aspectos da profissão.

Um programa composto de várias fases pode encorajar a iniciativa e a originalidade; continuidade e unidade de experiência levarão o estudante a integrar essas diferentes fases do trabalho à medida que nelas avance.

Em todo trabalho teríamos o tempo a ele prescrito, em função de sua complexidade, dividido em 3 fases: Levantamento, Execução, Utilização. A diferença entre uma prática escolar acadêmica e uma como experiência profissional está no fato de na primeira passar-se da fase de execução para uma fase de mera apreciação por parte do professor, que por mais objetiva que pretenda ser estará sempre carregada de um alto grau de subjetividade, uma vez que a validade do trabalho não é testada em condições normais, ou seja em condições de mercado.

Tal não acontece quando o trabalho resulta de uma prática escolar como experiência profissional onde a utilização segue-se às fases anteriores, exercendo a função de comprovar a realidade do trabalho. Dando-se à utilização o papel de regulador do significado do trabalho realizado, ficam divididas entre o profissional-aprendiz e o profissional-professor as responsabilidades desse significado.

Um programa de prática escolar como experiência profissional resulta de pensamento e ação cooperativos.

Uma vez organizados os planos devem ser imediatamente postos em prática pelo profissional-aprendiz.

Nesse processo o profissional-professor desempenha papel ativo, mas sua atuação é apenas no sentido de levar o estudante a agir.

Os planos só se tornam educativos quando o profissional-aprendiz precura identificá-los com os princípios teóricos ministrados.

Deste modo a prática escolar como experiência profissional representa uma atividade integral, apenas dirigida pelo profissional-professor e não um processo planejado e conduzido pelo mesmo e apenas exercitado pelo estudante, restringindo a experiência deste último a planos unilaterais, preparados em série de unidades ou de diferentes atividades que constituindo uma espécie de cadernos de exercícios de prática profissional, são propostos aos estudantes como se fossem baterias de teste.

Não se considera nesse tipo de organização se os planos despertam o interesse do estudante, ou se encerram lições que devem ser efetivamente ministradas. Nesse tipo de prática a habilidade de elaborar e de aplicar planos reais em situações profissionais efetivas é deixada para que o estudante a cultive mais tarde em sua vida profissional a medida que as necessidades surgirem.

Se ao contrário o profissional-aprendiz participasse com todo seu interesse no planejamento das atividades práticas isto o levaria a uma experiência de aprendizagem mais valiosa, pois através de uma motivação pessoal aprenderia a atacar os problemas de prática profissional de acordo com a maneira pela qual se apresentam na prática diária da profissão.

As idéias dos alunos devem ser prestigiadas e criticadas de maneira inteligente, num clima de respeito mútuo, desenvolvido através de apreciação recíproca.

Ao ministrar o ensino e orientar a aprendizagem uma escola deve conhecer e fazer esforço de conhecer aos seus alunos que interesses e necessidades pretende atender, e que justificam sua ação educativa. Desta maneira possibilita ao estudante identificar suas necessidades e propósitos particulares.

A partir da descoberta de uma identidade de propósitos, torna-se possível o aluno participar ativamente do planejamento e da realização das atividades programadas que tornam-se assim compreendidas e valorizadas pois representa para o estudante o caminho que conduz a seus próprios objetivos de realização social, intelectual e profissional.

Realiza-se assim uma aprendizagem em que o aluno pode avaliar os resultados obtidos, tendo dos resultados finais um sentido mais preciso de sua capacidade profissional.

Uma vez objetivado os propósitos da ação educativa em que se esforçou e aceita como uma praxis de grupo, o aluno sente suas deficiências objetivamente, pondo que em relação aos objetivos a atingir, ou seja, as sente como necessidade de aperfeiçoamento profissional, estando mais afeto a orientação escolar, com a qual se identifica.

Pela necessidade percebida de aperfeiçoamento profissional o aluno desenvolve uma capacidade de autoanálise e de auto-aprofondamento que o ajudará a reconhecer suas possibilidades e a melhor maneira de aproveitá-las em função da profissão que escolher.

Ajudar o aluno a descobrir seus pontos fracos e fortes ponderando seu relatório é uma das tarefas importantes para os que participam de sua formação profissional.

Metodologia Visual

Problema I

26/7/63

1 Problema

1.2 Estudar os algarismos para um quadro de horários

1.2 O quadro de horários é composto de um sistema de lâmpadas

1.3 O espaço para cada número deve ser igual

1.4 Estudar um sistema bem legível composto de um mínimo possível de elementos (lâmpadas)

2 Apresentação do trabalho

2.1 Algarismos de 0 a 9

2.1.1 Exemplo de um quadro de horários

2.2 Em papel ou cartolina branca DIN A2 (594x420 mm)

2.3 Identificação no verso

3 Prazo

3.1 Entrega do trabalho no dia 8 de agosto às 8 horas na Secretaria da ESDI

3.2 Discussão do trabalho no dia 9 de agosto, das 10 às 12 horas

Metodologia Visual
Problema 1
26/7/63

1 Problema

1.1 Estudar os algarismos para um quadro de horários

1.2 O quadro de horários é composto de um sistema de lâmpadas

2 Apresentação do trabalho

2.1 Algarismos de 0 a 9

3 Prazo

3.1 Entrega do trabalho dia 8 de agosto de 1963 às 8 horas na Secretaria da ESDI

3.2 Discussão do trabalho dia 9 de agosto das 10 às 12 horas.

Metodologia Visual

Problema 2

16/8/63

1 Problema

- 1.1 Estudar uma sequência de símbolos gráficos com as seguintes características
- 1.2 O número de símbolos da sequência é igual a 10
ex.: substituição do algarismo de 0 a 9
- 1.3 Os símbolos serão compostos de figuras geométricas regulares (elementos)
- 1.4 O número de elementos será o mesmo em toda a sequência
- 1.5 Os símbolos serão compostos de um só tipo de elementos
- 1.6 O número de elementos deverá ser o menor possível
- 1.7 A diferença entre os símbolos deverá ser facilmente percebida

2 Apresentação do trabalho

- 2.1 Figura geométrica empregada
- 2.2 Esquema da composição
- 2.3 Os 10 símbolos gráficos
- 2.4 Em papel ou cartolina branca A2
- 2.5 Execução em nânquim preto
- 2.6 Identificação no verso
- 2.7 Fazer à máquina uma descrição do estudo em papel A4 guardando-a para discussão posterior

3 Prazo

- 3.1 Entrega do trabalho no dia 29 de agosto às 6 horas na Secretaria da ESDI
- 3.2 Discussão dos trabalhos no dia 30 de agosto na aula de metodologia Visual.

Metodologia Visual

Problema 2

16/8/63

1 Problema

- 1.1 Estudar uma sequência de símbolos gráficos**
- 1.2 O número de símbolos da sequência é igual a 10**

2 Apresentação do trabalho

- 2.1 Os 10 símbolos gráficos**
- 2.2 Esquema da composição**
- 2.3 Descrição do estudo por escrito, para discussão posterior**

3 Prazo

- 3.1 Entrega do trabalho dia 29 de agosto às 8 horas na Secretaria da ESDI**
- 3.2 Discussão do trabalho dia 30 de agosto na aula de Metodologia Visual**

Metodologia Visual

Problema 3

6/9/63

1 Problema

- 1.1 Estudar um painel de comando
1.2 O formato do painel é igual ao formato do papel A2
1.3 O painel de comando será composto de 32 elementos de manejo
1.3.1 Todos os elementos devem ter o mesmo manequim
1.3.2 Os elementos serão classificados em funções
1.3.2.1 1 elemento "comando energia ligar"
1.3.2.2 1 elemento "comando energia desligar"
1.3.2.3 6 elementos "comandos para operações diretas"
1.3.2.4 4 elementos "comandos anteriores combináveis"
1.3.2.5 20 elementos "comandos posteriores combináveis"
(1.324 combinável com 1.325, o número de operações é 4x20)
1.3.3 Os espaços radiais serão no mínimo para 1.321 - 22mm;
1.322 - 22mm; 1.323 - 30mm; 1.324 - 28mm; 1.325 - 15mm
1.4 No painel de comando, os elementos de manejo devem ser
apresentados por figuras geométricas
1.4.1 Serão empregadas sómente duas figuras geométricas
1.4.2 Para escolha as seguintes figuras geométricas: o quadrado
o retângulo, o hexágono, o octógono, e o círculo.
1.5 Para a representação dos elementos de manejo serão empregada
duas cores (preto e uma cor)

2 Apresentação

- 2.1 Painel de comando composto de 32 elementos de manejo (sem indicações)
2.2 Papel ou cartolina branca formato A2
2.2.1 Manquim preto e uma cor
2.2.2 Identificação no verso
2.3 Diagrama do estudo, à máquina em uma folha A4 (Análise do
Problema e desenvolvimento)
2.4 Descrição do estudo em papel vegetal A2, manquim preto

3 Prazo

- 3.1 Entrega dia 19 de setembro de 1963 às 8 horas na Secretaria
da ESBI
3.2 Discussão do trabalho dia 20 de setembro na sala de Metodolo-
gia Visual.

Metodologia Visual

Problema 3

6/9/63

1 Problema

1.1 Estudar um painel de comando

1.2 O formato do painel é igual no formato do papel A2

1.3 O painel de comando será composto de 32 elementos de manejo

1.3.1 Todos os elementos devem ter o mesmo manejo

1.3.2 Os elementos serão classificados em funções

1.3.2.1 1 elemento " comando energia ligar "

1.3.2.2 1 elemento " comando energia desligar "

1.3.2.3 6 elementos " comandos para operações diretas "

1.3.2.4 4 elementos " comandos anteriores combináveis "

**1.3.2.5 20 elementos " comandos posteriores combináveis"
(1.324 combinável com 1.325; o número de operações é 4x20)**

2 Apresentação

2.1 O painel de comando composto de 32 elementos de manejo

2.2 Descrição do estudo por escrito

3 Prazo

3.1 Entrega dia 19 de setembro às 8 horas na secretaria da SEDI

3.2 Discussão do trabalho dia 20 de setembro na aula de Metodologia Visual.

Metodologia Visual
Trabalho nas Oficinas
Problema 1
16/8/63

1. Problema

- 1.1 O problema será estudado e executado em equipe, cada grupo (A,B,C,D,E,F) forma uma equipe
- 1.2 Desenhar um cubo para ser executado em madeira, metal ou gesso (conforme o grupo) com as seguintes características:
 - 1.2.1 O cubo será composto de cinco elementos
 - 1.2.2 Cada elemento deve se diferenciar do outro (forma ou medida)
 - 1.2.3 Os elementos devem ter relações geométricas definidas entre si

2. Desenvolvimento

- 2.1 Análise do problema pela equipe
- 2.2 Estudo do projeto
- 2.3 Propostas para solução pelos membros da equipe
- 2.4 Escolha de uma proposta para a execução (decisão pelos membros da equipe)
- 2.5 Desenho técnico para a execução (cada membro da equipe deve fazer o desenho técnico)

3. Execução

- 3.1 Cada membro da equipe executará um elemento do cubo

4. Apresentação

- 4.1 Um cubo composto de cinco elementos em madeira, metal ou gesso
- 4.2 Desenho técnico (papel vegetal, cópia) A2
- 4.3 Ilustrações (fotografia, perspectiva, etc.)
- 4.4 Descrição do problema, à máquina em papel A4

5. Prazo

- 5.1 Entrega dia 26 de setembro às 6 horas na Secretaria da ESDI
- 5.2 Discussão dia 27 de setembro

Metodologia Visual
Trabalho nas oficinas
Problema 1
16/8/69

1. Problema

- 1.1** O problema será estudado e executado em equipe, cada grupo (A?B,C,D,E,F) forma uma equipe
- 1.2** Estudar um cubo para ser executado em madeira, metal ou gesso (conforme o grupo)

2. Apresentação

- 2.1** Um cubo de madeira, metal ou gesso (conforme o grupo)
- 2.2** Descrição do problema por escrito

3. Prazo

- 3.1** Entrega do trabalho dia 26 de setembro às 8 horas na secretaria da ESDI
- 3.2** Discussão dia 27 de setembro

Metodologia Visual
Prática na Oficina 2
Problema 4
27/9/63

1 Problema

- 1.1 Estudar um elemento com as seguintes características:
1.1.1 Material: madeira, metal ou gesso (conforme o grupo)
1.1.2 A face superior (frente) deve ser igual a face inferior (atrás)
1.1.3 Com o agrupamento bidimensional dos mesmos elementos deve-se formar painéis.
1.1.3.1 Os elementos devem ser agrupados num sistema tal que formem espaços entre si
1.1.3.1.1 Os espaços em relação aos elementos devem ser no mínimo de 10% e no máximo de 40%
1.2 Os elementos devem ser fixados entre si
1.2.1 Tipo da fixação: não desmontável
1.3 Uma área de 42 cm² deve ser constituída de 9 elementos no mínimo
1.4 O projeto pode ser concebido para execução usando todos os recursos da oficina

2 Desenvolvimento

- 2.1 Projeto
2.1.1 Estudo do projeto e propostas pelos membros da equipe
2.1.2 Escolha do projeto para execução
2.1.3 Discussão com os assistentes técnicos sobre a possibilidade de execução
2.1.4 Desenho para execução da peça (elemento)
2.2. Protótipo de uma peça (elemento)
2.3. Planejamento para a execução em série
2.4 Execução das peças (elementos)
Podem ser usados todos os recursos da oficina, sob fiscalização dos assistentes técnicos.
2.5 Montagem
2.6 Representação gráfica, fotográfica etc.

3 Apresentação

- 3.1 Um painel de madeira, metal ou gesso, composto de elementos iguais.
Dimensões 42cmx42cm, 2cm mais ou menos (tolerância)
3.2 Desenho técnico A2 (cópia)
3.3 Representação gráfica, fotográfica etc. A2
3.3.1 Identificação no verso
3.4. Descrição à máquina A4
3.4.1 Análise do problema
3.4.2 Desenvolvimento do projeto
3.4.3 Plano de execução das peças e da montagem

4 Prazo

- 4.1 Entrega dia 17/10/63 às 8 horas
4.2 Discussão de trabalho dia 18/10/63

Metodologia Visual
Prática de Oficina 2
Problema 4
27/9/63

1 **Problema**

- 1.1 Estudar um elemento em madeira, metal ou gesso (conforme o grupo)
- 1.2 Com o agrupamento, bidimensional, dos mesmos elementos deve-se formar um painel
- 1.3 Os elementos se agrupam num sistema tal que formam espaços entre si
- 1.4 Dimensão do painel 42 cm²

2 **Apresentação**

- 2.1 Descrição do projeto por escrito

3 **Prazo**

- 3.1 Entrega dia 17/10/63 às 8 horas
- 3.2 Discussão do trabalho dia 18/10/63

Obs. - a meu ver este problema deveria ser solucionado levando-se em conta a finalidade do painel, ou seja, a equipe estaria condicionada ao objetivo estabelecido.

Metodologia Visual
Prática de Oficina
Problema 3
18/10/69

1. Problema

- 1.1** Estudar e executar um sólido geométrico com as seguintes características:
 - 1.2** O sólido deve ser composto de dois elementos iguais
 - 1.3** O sólido deve apresentar rigidez no mínimo em dois sentidos numa determinada posição
 - 1.4** Material conforme o grupo: madeira, metal ou gesso
 - 1.5** Para escolher: poliedro regular, prisma, pirâmide, cilindro, cone, esfera

2. Apresentação

- 2.1** Sólido geométrico composto de dois elementos iguais
- 2.2** Desenho técnico A2, dobrado A4
- 2.3** Uma ou mais fotografias coladas em cartolina A4
- 2.4** Descrição do estudo à máquina A4

3. Prazo

- 3.1** Montagem da exposição no dia 21 de dezembro, nas oficinas
- 3.2** Discussão do trabalho no dia 22 de novembro das 8 às 12 hs.

Metodologia Visual
Prática de Oficina
Problema 3
18/10/53

1 Problema

1.1 Com dois elementos iguais executar um sólido geométrico

1.2 Para determinada posição o sólido deve apresentar rigidez no mínimo em dois sentidos

1.3 Material conforme o grupo: madeira, metal ou gesso

2 Apresentação

2.1 O sólido e a descrição do estudo por escrito

3 Prazo

3.1 Entrega dia 21 de novembro nas oficinas (montagem da exposição)

3.2 Discussão dos trabalhos dia 22 às 8 horas.

Metodologia Visual
Prática de Oficina
Problema 4
22/11/63

- 1 Problema
 - 1.1 Formar uma estrutura espacial a partir de elementos planos
 - 1.2 Devem ser formados 4 espaços
 - 1.3 Os elementos planos serão painéis de madeira, metal ou gesso (conforme o grupo)
 - 1.3.1 Serão empregados 3 painéis de 50x50 cms que podem ser divididos num só sentido
 - 1.4 Deve ser formada uma estrutura rígida
 - 1.4.1 Tipo de agrupamento dos painéis: fixo ou móvel
- 2 Desenvolvimento
 - 2.1 Análise do problema
 - 2.2 Estudos em propostas pelos membros da equipe
 - 2.3 Escólio de um projeto pela equipe
 - 2.4 Desenho técnico A2
 - 2.5 Realização do projeto em madeira, metal ou gesso (conforme o grupo)
 - 2.6 Fotografar o projeto
 - 2.7 Descrição
- 3 Apresentação
 - 3.1 Estrutura espacial
 - 3.2 Desenho Técnico A2
 - 3.3 Fotografias 18x24
 - 3.4 Descrição
- 4 Prazo
 - 4.1 Entrega do trabalho dia 19/12/63 às 8 horas na secretaria da ESDI
 - 4.2 Discussão do trabalho dia 20/12/63 às 10 horas

Metodologia Visual

Problema 4

Prática na Oficina

22/11/63

1 Problema

1.1 **Forçar uma estrutura espacial a partir de elementos planos**

1.2 **Os elementos planos serão painéis de madeira, metal ou gesso
(conforme o grupo)**

1.3 **Serão empregados 3 painéis**

2 Descrição do estudo e da solução por escrito

3 Prazo

3.1 **Entrega do trabalho 19/12/63 às 6 horas na secretaria**

3.2 **Discussão dos trabalhos dia 20/12/63**

Metodologia Visual
Problema 5
25/10/63

1 Problema

- 1.1 Representação e análise de um produto e de sua respectiva estocagem
1.2 Característica do produto:
1.2.1 Produto existente no mercado
1.2.2 Produto de consumo de massa
1.2.3 Produto fabricado
1.2.4 Produto vendável só em unidades
1.2.5 Produto com ou sem embalagens

2 Apresentação

- 2.1 Representar o produto em escala 1.1 e a estrutura da estocagem
2.1.1 Meios de representação: desenho, fotografia, colagens ou esboços em preto e branco
2.1.2 Papel ou cartolina no formato A2
2.1.3 Identificação no verso
2.2 Relatório
2.2.1 Escrito à máquina formato A4
2.2.2 Análise do problema
2.2.3 Descrição do produto com dados exatos (sem relações com o uso ou consumo)
2.2.4 Descrição do produto com dados exatos (sem efeito)
2.2.4 Análise do produto referente a estocagem

3 Prazo

- 3.1 Entrega do trabalho no dia 7 de novembro de 1963 às 8 horas na secretaria da ESDI
3.2 Discussão do trabalho no dia 8 de novembro de 1963 às 10 hs.

Metodologia Visual

Problema 5

29/10/63

1 Problema

1.1 Representação e análise de um produto e de sua respectiva estocagem

1.2 Características do produto:

1.2.1 Produto industrializado, de consumo

1.2.2 Vendido em unidades

2 Relatório

2.1 Análise do problema por escrito, com descrição do produto

3 Prazo

3.1 Entrega do trabalho no dia 7 de novembro de 1963 às 8 horas na secretaria da ESDI

3.2 Discussão do trabalho no dia 8 de novembro de 1963 às 10 hs.

Metodologia Visual
Prática na Oficina
Problema 5
10/1/64

1 Problema

- 1.1** Modificar um sólido geométrico por meio de curvas
- 1.2** Sólido geométrico para escolher: cubo, prisma, pirâmide, poliedro
- 1.3** O sólido modificado não deve apresentar cantos
- 1.4** O sólido geométrico não pode ser modificado além do limite de reconhecimento do sólido original
- 1.5** No sólido modificado devem ser mantidas medidas do sólido original.

2 Desenvolvimento

- 2.1** Análise do problema e escolha de um sólido geométrico para o estudo
- 2.2** Construir as curvas, respeitando as concordâncias
- 2.3** Executar os gabinetes necessários
- 2.4** Executar em madeira, metal ou gesso (conforme o grupo) dois sólidos geométricos iguais
- 2.5** Executar as curvas e concordâncias de um sólido

3 Apresentação

- 3.1** Dois sólidos, sendo que um será modificado
- 3.2** Desenho técnico das concordâncias
- 3.3** Descrição datilografada em A4
- 3.4** Fotografias 18/24

4 Prazo

- 4.1** Entrega do trabalho dia 6/2/64 às 8 horas
- 4.2** Discussão dos trabalhos dia 7/2/64

Metodologia Visual
Prática na Oficina
Problema 5
10/1/64

1 Problema

1.1 Modificar um sólido geométrico por meio de curvas

2 Apresentar o sólido e sua modificação

3 Apresentar por escrito a solução do problema

4 Prazo

4.1 Entrega do trabalho dia 6/2/64

4.2 Discussão do trabalho dia 7/2/64

Metodologia Visual

Problema 6

6/12/63

1 Problema

- 1.1 Representação e análise de três objetos diferentes**
- 1.2 Procurar e recolher três objetos diferentes com as seguintes características:**
 - 1.2.1 Deverem ser objetos artificiais**
 - 1.2.2 Medidas máximas dos objetos**
 - comprimento 150 mm
 - largura 100 mm
 - espessura 5 mm
 - 1.2.3 Não devem ser retalhos**
 - 1.2.4 Colar os três objetos em cartolina branca A3**
 - 1.4 Apresentar graficamente os três objetos em cartolina branca A3 (apresentação bem informativa,mas simples)**
 - 1.5 Descrição dos objetos**
 - 1.5.1 Definição curta de cada objeto**
 - 1.5.2 Descrição dos três objetos através de um esquema estabelecido**
 - 1.5.2.1 Sequência de descrição das características comuns e diferentes dos objetos, por ordem**

2 Apresentação

- 2.1 Os três objetos colados em cartolina branca A3**
- 2.2 Apresentação gráfica (canário preto) dos três objetos em cartolina branca A3**
- 2.3 Descrição à máquina, máximo duas folhas A4 colados em cartolina A3**

3 Prazo

- 3.1 Entrega do trabalho dia 19/12/63 às 8 horas**
- 3.2 Discussão dos trabalhos dia 20/10/63**

Metodologia Visual

Problema 6

6/12/63

1 Problema

- 1.1** Análise e apresentação gráfica de três objetos diferentes
- 1.2** Apresente por escrito cada objeto
- 1.3** Apresente por escrito as relações existentes entre os objetos

2 Prazo

- 2.1** Entrega do trabalho dia 19/12/63 às 8 horas
- 2.2** Discussão do trabalho dia 20/12/63

De 7 de março de 1967 em diante

Rio 7/3/67

- Pelo que posso saber de como é difícil enfrentar essa tarefa de preparação do trabalho, dito de tese, com que devemos terminar nesse curso, nessa nossa problemática Escola Superior de Desenho Industrial, e também pelo que sei de quão sozinhos e despreparados temos que enfrentar essa situação, é que celeço à sua disposição meu interesse e possível colaboração.
- Sei perfeitamente que você se coloca entre os que tentam terminar meses mal aquilo que não fizeram tão bem, confirmando um interesse tantas vezes exposto e tão poucas vezes percebido.
- A coragem de enfrentar um tema árduo, como o que você escolheu, parecerá uma temeridade aos que nada chegaram a perceber. Perde o significado das coisas não estão nelas mesmas e sim nas pessoas. Aos que se comunicaram pertence o sentido de atitudes como a sua. Nesse tipo de trabalho uma das dificuldades sérias a ser enfrentada é a limitação da área de ação.
- Esta área deve ter uma relação definida com a área total, abrangida pelo assunto. Dessa modo evita-se a pouca definição de trabalho por excesso de generalizações ou particularizações, aumentando-se as probabilidades de um resultado satisfatório.
- A seguir expendo a seu juízo crítico uma tentativa de limitações do problema, conforme os seguintes critérios:
- a) limitação do problema a partir de características peculiares ao usuário.
 - b) limitação do problema a partir de características peculiares ao objeto.
- a.1 limitação de características do usuário a partir da classificação convencionalmente usada em ciência para diversas etapas de desenvolvimento do ser humano, ou seja, limitações de problema pela determinação de uma faixa de idade.
 - a.2 limitações de características do usuário a partir de um dado social
 - a.3 limitações de características do usuário a partir de um dado de constituições físicas (originais ou accidentais)
- b.1 brinquedos mecânicos
 - b.2 brinquedos transportáveis, ou seja, brinquedos que podem acompanhar a criança em passeios ou viagens
 - b.3 brinquedos que exigem a participação de outras crianças
 - b.4 brinquedos individuais etc.
- Veja nessa tentativa a manifestação do espírito de equipe.
A base da carta é para incentivá-la a responder por escrito, para ir se acostumando a outra série dificuldade: passar para o papel aquilo que se pensa ou fala.

Octaviano